

CAMILLA
LÄCKBERG



MULHERES
QUE NÃO
PERDOAM





CAMILLA LÄCKBERG

MULHERES QUE NÃO PERDOAM

Tradução de
ELIN BAGINHA



PRIMEIRA PARTE



Ingrid Steen

Quando o marido entrou na sala de estar, Ingrid Steen juntou as mãos em concha para esconder o objecto que segurava, antes de o colocar no espaço entre as almofadas do assento do sofá.

Tommy passou por ela com um sorriso breve e mecânico, antes de continuar para a cozinha. Ingrid ouviu-o abrir a porta do frigorífico e remexer no interior, enquanto cantarolava *The River*, de Bruce Springsteen.

Ingrid deixou o objecto onde estava e levantou-se do sofá. Deteve-se junto à janela a observar a iluminação pública que se debatia contra a escuridão nórdica, as árvores e os arbustos despidos e retorcidos. Da casa em frente, podia ver o brilho tremeluzente de um televisor.

Atrás dela, Tommy clareou a garganta e Ingrid virou-se.

— Como foi o teu dia?

Ingrid observou-o sem responder. Numa das mãos, segurava uma almôndega trincada e fria. Na outra, um copo de leite. Tommy tinha o cabelo ralo, sempre fora assim, mas, por volta dos trinta anos, tivera o bom gosto de o rapar. A fralda da camisa estava amarrotada, depois de ter passado o dia enfiada nas calças.

— Foi bom.

Tommy sorriu.

— Ainda bem.

Ingrid ficou a olhar para as costas do marido, enquanto este se afastava. *Tommy*, um nome da classe trabalhadora. *Bruce Springsteen*, um herói da classe operária. Não obstante, assim que Tommy fora promovido a editor-chefe do *Aftonpressen*, o maior tablóide da Suécia, tinham-se mudado para Bromma, a zona suburbana de Estocolmo habitada pela classe média-alta, em geral, e pela elite dos *media* suecos, em particular.

O som de dedos a bater no teclado do computador voltou a ouvir-se, vindo do escritório. Ingrid regressou ao sofá e tacteou entre as almofadas. Encontrou primeiro um dos brinquedos antigos da filha Lovisa, puxou-o e observou o pequeno dinossauro verde de olhos desproporcionados e fixos, antes de o colocar em cima da mesa de centro. Debruçou-se novamente sobre o sofá, encontrou finalmente o pequeno aparelho e levou-o para o vestíbulo da entrada.

O som de dedos a escrever, a dar ordens, a alterar manchetes, intensificou-se.

Ingrid retirou o casaco de Tommy do cabide. No bolso de trás das calças de ganga, podia sentir o pequeno estojo de costura rectangular contra a sua nádega direita. Foi para o andar de cima e abriu a porta da casa de banho. Depois de pousar o estojo de costura no lavatório, trancou a porta e baixou a tampa da sanita. Descoseu rapidamente uma parte do forro interior, inseriu o pequeno aparelho e verificou que estava a funcionar. Accionou o dispositivo com o dedo indicador, colocou-o no bolso falso criado no interior do casaco e voltou a costurar o tecido acetinado com alguns pontos.

Viktoría Brunberg

Há três anos, Viktoria tivera o apelido Volkova, vivera na metrópole russa de Ecaterimburgo e recordava-se vagamente de ter ouvido falar da Suécia numa qualquer aula de História. Agora, chamava-se Viktoria Brunberg e vivia na aldeia de Sillbo, a poucos quilómetros de Heby, na região centro do país. Falava sueco com um sotaque cerrado e não tinha trabalho nem amigos.

Viktoria suspirou enquanto servia o chá fumegante numa caneca preta do festival Sweden Rock. Conseguia ouvir o vento passar pelas frinchas da janela, através de cujas vidraças via extensos campos, a floresta e um céu cinzento. Escudou os olhos com a mão para evitar ver aquele cenário desolador quando levou o chá para a mesa da cozinha. Viktoria voltou a suspirar e apoiou os pés em cima da mesa. Tudo naquele lugar, naquele país, lhe causava aversão. Inclinou a cadeira para trás, segurou na caneca quente do chá com as duas mãos e fechou os olhos.

— Yuri — murmurou para si própria.

«Princesa da Máfia» era como os seus amigos em Ecaterimburgo lhe chamavam, na brincadeira. E Viktoria gostava. Adorava os diamantes, as drogas, os jantares, as roupas e o apartamento onde viviam.

No dia exacto em que Viktoria fizera vinte anos, tudo desaparecera. Yuri fora assassinado. Desde então, passado tanto tempo, provavelmente o seu corpo já estaria decomposto, irreconhecível. As costas peludas, as mãos enormes, a mandíbula quadrada — já nada disso existia.

Pum, pum, pum!

Yuri fora morto a tiro no dia do aniversário de Viktoria. O seu sangue salpicara-lhe o casaco branco de peles, que deixara pousado no sofá da discoteca. Também tinham planeado matá-la,

mas o assassino falhara o terceiro tiro, antes de ser morto pelos guarda-costas de Yuri.

Viktoria fugira para casa da mãe, situada a uma hora de distância de carro da cidade.

Fora a sua mãe que lhe falara de uma página na Internet, onde homens suecos procuravam mulheres russas.

— Os homens suecos são bondosos e uns piegas — dissera-lhe.

Viktoria obedecera-lhe, como sempre fizera. Carregara algumas fotografias na Internet, recebera centenas de respostas em poucos dias e acabara por escolher Malte que, pelas imagens, lhe parecera boa pessoa, como um bebé grande de olhar generoso. Ele tinha a mesma idade que ela, excesso de peso e parecia ser tímido. Malte enviara-lhe dinheiro para o bilhete de avião e, duas semanas mais tarde, Viktoria transpusera, pela primeira vez, a soleira da porta da casa amarela, em Sillbo.

Do pátio da entrada, ouviu o ruído da mota de Malte aproximar-se. Durante o dia, trabalhava na bomba de gasolina da Shell, à saída de Heby. Viktoria tirou os pés de cima da mesa e olhou pela janela. Malte era tão corpulento que fazia a mota parecer pequena, como um *Godzilla* montado num pónei. Ainda no caminho, atrás do marido, vinha uma carrinha branca que entrou pelo portão aberto e estacionou ao lado da mota. Lars abriu a porta do lado do passageiro, retirou do assento uma grade de cervejas e carregou-a até à porta da frente. Era sexta-feira e bebiam até caírem inconscientes. Antes, porém, Malte agarrou numa lata, abriu-a e bebeu com sofreguidão. A gordura formava pregas em volta do seu pescoço. Os dois homens desapareceram do campo de visão de Viktoria e, um segundo depois, ouviu a chave entrar na fechadura e a porta da frente abrir-se.

Entraram em casa com os sapatos calçados. Lars hesitou um instante ao ver as manchas escuras e pegajosas de lama que deixava no soalho de madeira.

— Caga nisso, a gaja até fica contente por ter alguma coisa para fazer. De qualquer modo, passa os dias sentada em casa sem fazer nada — disse Malte, sem olhar para Viktoria.

Lars sorriu parecendo duvidar, trocou com ela um olhar fugaz,

murmurou um cumprimento e pousou a grade de cervejas em cima da mesa. Malte dirigiu-se para o fogão.

— Então, vamos lá ver a mixórdia que cozinhasse hoje — disse Malte, levantando a tampa da panela. O vapor fê-lo recuar e piscar várias vezes os olhos. Agitou a mão bruscamente e espreitou para o seu interior. Ao lado de Viktoria, Lars abriu uma lata de cerveja.

— Batatas. Bom, muito bom. — Malte olhou em volta para a cozinha e abriu os braços. — Mais nada? Só batatas?

— Não sabia a que horas vocês chegavam. Vou fritar as salsichas agora — respondeu Viktoria.

Malte bufou, olhando por cima dela para o amigo, e repetiu o que Viktoria dissera com uma voz exageradamente aguda e um sotaque russo. Lars engasgou-se de riso e a cerveja escorreu-lhe pelo queixo abaixo.

— Ela tem tanto de bonita, como de burra — comentou Malte.

Ainda escorreu mais cerveja pelo pescoço de Lars.

Toda a roupa cheirava a fritos. Malte prometera arranjar o exaustor, mas nunca o fizera. Viktoria arrumou os pratos sujos na máquina de lavar a loiça, enquanto os homens ficaram enterrados no sofá. Latas de cerveja vazias cobriam a mesa de centro. Daí a pouco, estariam os dois a dormir, então, o dia dela podia começar a sério. Olhou de soslaio para o sofá, para ver onde Malte deixara o seu telemóvel. Sentiu-se mais tranquila ao vê-lo entre duas latas de cerveja.

— Devia era ter encomendado uma tailandesa, como a tua. Cozinham melhor, fornicam melhor... — disse Malte, e arrotou.

— Então, porque não a mandas de volta? — perguntou Lars, com um risinho abafado.

— Pois é, porque não? Gostava de saber qual é a política de devolução para a compra de mulheres com defeito — acrescentou Malte por entre acessos de riso.

— Acho que não tens direito a reembolso, mas talvez te dêem um cheque-prenda. — conseguiu acrescentar Lars.

— Pois é, a mercadoria já foi mais do que usada.

Voltaram a desatar às gargalhadas, ao mesmo tempo que a água da máquina da loiça começava a correr.

Ingrid Steen

Ingrid estacionou em frente ao edifício do colégio Högland, desligou o motor e ficou sentada com as mãos no volante. Estava uma hora adiantada.

Catorze anos como jornalista, dois dos quais como correspondente nos Estados Unidos da América, e tantos prêmios que lhes perdera a conta. No passado, os recortes de jornais, os diplomas e algumas fotografias tinham adornado as paredes da casa deles. Quando Tommy fora promovido a editor-chefe do jornal *Aftonpressen* era mais do que um trabalho, era um estilo de vida, como Tommy dissera. Se tivesse sido ao contrário, se tivesse sido Ingrid a receber a proposta, ele teria feito o mesmo sacrifício, garantira-lhe. E Ingrid concedera. Arrumara todos os pontos altos da sua carreira numa caixa de cartão do IKEA, colocara-a em cima de uma estante no sótão e assumira o papel de esposa dedicada. Nos últimos tempos, Ingrid recordava-se cada vez mais dos seus anos de jornalista. Por vezes, quando não estava mais ninguém em casa, levava a caixa de cartão para a sala de estar e ficava a folhear as lembranças. Ainda naquele dia, voltara a arrumar a caixa no lugar, antes da hora de ir buscar Lovisa e de Tommy chegar a casa.

Ingrid sobressaltou-se quando alguém bateu à janela, mas esboçou o sorriso de mãe atenta ainda antes de virar a cabeça e reconhecer Birgitta Nilsson, a professora de Lovisa. Instintivamente, olhou para o relógio antes de abrir a janela do carro. Faltavam poucos minutos para as aulas acabarem, porque teria saído antes?

— Vou a uma consulta — disse Birgitta com um sorriso. — Nada de especial, é apenas uma consulta de rotina.

Ingrid gostava da professora, que se aproximava da idade da reforma. A turma de Lovisa seria a última que teria a seu cargo.

— Boa sorte — conseguiu Ingrid responder.

— Ontem, vi o Tommy no programa *Agenda*. Esteve tão bem! É tão inteligente e persuasivo. Deve estar muito orgulhosa.

Birgitta entrelaçou os dedos das duas mãos.

— Muito.

— E pensar que, no Outono, arranjou tempo para vir falar à turma do seu trabalho. Tão ocupado que deverá andar! Quando os outros professores ouviram dizer que vinha cá, ficaram tão entusiasmados que tivemos de reservar o auditório. A Lovisa estava tão contente... E eu também.

— Ainda bem! Pois, o Tommy arranja sempre tempo para tudo.

A professora estendeu uma mão e deu uma palmadinha no ombro de Ingrid, antes de se voltar e desaparecer na direcção do metropolitano.

Ingrid aumentou o volume da música.

Na realidade, Ingrid não precisava de confirmar a infidelidade de Tommy. Pressentia-o. Desde o Verão que o notava diferente. Dava mais importância à aparência física e até contratara um *personal trainer*. Dantes, era capaz de discutir, na presença de Ingrid, todos os pormenores de cada decisão editorial. Sabia perfeitamente que ela jamais divulgaria qualquer informação, que conhecia e compreendia perfeitamente as regras. Há algum tempo, desculpava-se quando recebia chamadas e desaparecia para o escritório ou para o jardim.

— É a nova política da administração — explicara-lhe uma vez, quando Ingrid o questionara. — E, de qualquer forma, também já não estás interessada nestas coisas, não é?

Não obstante, Ingrid queria saber quem era a mulher que se deitava com o marido. Provavelmente, alguém da redacção. Tinha sido assim que eles próprios se tinham conhecido; era assim que os jornalistas costumavam conhecer-se.

Todos os dias folheava o jornal que Tommy levava para casa. Já quase não reconhecia nenhuma das caras que apareciam nos cabeçalhos dos artigos. Muitos dos seus antigos colegas tinham

deixado o jornal, e outros tinham deixado a dura vida de repórteres para assumirem cargos de chefia.

Saberiam os seus antigos colegas de trabalho que Tommy andava a traí-la? Sentiriam pena dela? Tentariam protegê-lo, ajudá-lo-iam a esconder o caso? Ingrid tinha um plano para conseguir descobrir com quem ele lhe era infiel, mas não para o que faria em seguida.

Viktoría Brunberg

Malte e Lars ressonavam. Os seus corpos obesos exalavam um cheiro acre a suor e álcool. Viktoria levou o telemóvel do marido para a cave, entrou na despensa onde ele tinha o alambique para fabricar aguardente caseira, pegou numa garrafa do líquido transparente e sentou-se no sofá de veludo em frente ao televisor desligado. No móvel do televisor estava alinhada, bem à vista, a sua colecção de filmes pornográficos. Viktoria vira cada um deles várias vezes, fora assim que aprendera sueco. Malte mantinha-a isolada e a casa não tinha Internet.

Viktoria tinha o seu próprio telemóvel com um cartão pré-pago, mas, as cem coroas com que Malte o carregava todos os meses não eram suficientes para telefonar para a Rússia. A única forma de Viktoria manter o contacto com a mãe era partilhando os dados móveis do telemóvel de Malte com o seu.

Nos primeiros meses, Viktoria ainda conseguira convencer-se de que a vida na Suécia podia ser tolerável. Nada como os anos que tinha passado com Yuri, mas tolerável. Malte fora gentil com ela, enfadonho, mas gentil. Oferecia-lhe flores meio murchas, elogiava-a pela comida que cozinhava, chamava-a «minha mulherzita». Claro que lhe custava dormir com ele, tê-lo perto de si, sentir as suas mãos desajeitadas no seu corpo, mas, pelo menos, tratava-a como um ser humano.

Viktoria sentia-se grata por ele a ter tirado da Rússia. Porém, ao fim de seis meses, ele começara a mudar. Tornara-se cruel. Deixara de se lavar. Cheirava cada vez pior. Em vez de dormir com ela, puxava as calças para baixo, sentava-se no sofá e gritava simplesmente «broche». Viktoria obedecia-lhe e chupava o seu pequeno pénis. Tinha medo dele. Embora ele nunca tivesse sido fisicamente violento com ela, estava completamente à sua mercê.

Malte tinha o poder de tornar a sua vida ainda pior do que já era. Viktoria não tinha sítio nenhum para onde ir, a quinta era uma prisão. Se ao menos tivesse uma amiga, alguém que fosse verdadeiramente amável com ela, que a tratasse como uma pessoa e não como uma boneca insuflável com capacidade de cozinhar e limpar a casa, tudo teria sido muito diferente.

Bebeu um pouco da aguardente caseira e fez uma careta de desagrado. A mãe não respondera ao último *mail*. Viktoria escondia-lhe a realidade da sua situação. Mentia-lhe, dizendo que estava muito bem, que tinha imensas amigas. Escrevia que Malte a mimava e que, tal como a mãe lhe dissera sobre os homens suecos, ele era meigo e carinhoso, e tinha um cargo de chefia numa grande empresa de informática. Descrevia-lhe com grande pormenor os jantares elegantes, as viagens pelo Mediterrâneo, os amigos poderosos e os planos do casal feliz de ter filhos em breve.

Agracia à mãe por ter sido tão sábia e atenciosa ao aconselhá-la a casar com um sueco.

Birgitta Nilsson

Na sala de espera do pequeno centro de saúde da cidade, Birgitta Nilsson continuava a pensar em Tommy e Ingrid Steen. Duas pessoas fantásticas, inteligentes e com sentido de humor. A sua filha, Lovisa, herdara a beleza da mãe e a eloquência do pai.

Birgitta puxou a manga da camisa para cima e deixou que as unhas roçassem no eczema que lhe aparecera no cotovelo. Depois, pousou a palma da mão nas costelas doridas do lado esquerdo.

Faltavam-lhe dois anos para a reforma. O seu marido, Jacob, já devia ter-se reformado, mas, como era o proprietário da empresa de contabilidade onde trabalhava, queria continuar activo. Por vezes, Birgitta gostava de imaginar uma realidade alternativa, em que tinham comprado uma casa no Sul de Espanha, onde viviam juntos uma vida tranquila e idílica. Que os seus filhos de vinte anos, os gémeos Max e Jesper, os iam visitar com as respectivas namoradas. Contudo, na verdade, não precisava de ter uma casa em Espanha. a única coisa que Birgitta queria na vida era o amor das pessoas que lhe eram mais queridas.

Estava tão absorta nos seus pensamentos que nem se apercebeu de que estava uma enfermeira parada à sua frente, a chamar por ela.

— Birgitta Nilsson?

— Desculpe, por favor. Estava para aqui a sonhar.

Birgitta levantou-se e seguiu a enfermeira ao longo de um corredor, ao fundo do qual havia uma porta entreaberta. A enfermeira fez um gesto com a mão, indicando-lhe que entrasse.

— Muito obrigada e peço desculpa por estar a ficar tão velha e confusa — desculpou-se, antes de entrar na sala.

O médico era um homem atraente, de uns trinta e cinco anos, com o cabelo preto penteado para trás, maxilares bem delineados e

lábios carnudos. Birgitta cumprimentou-o com um aperto de mão e o médico pediu-lhe que se sentasse. Pigarreou e começou a falar, mas Birgitta não lhe prestou atenção, distraída a observar a fotografia emoldurada em cima da secretária. Uma linda esposa morena, duas crianças com pestanas compridas e grossas e cabelo curto sorriam para a lente, deitadas na areia de uma praia.

— Que bonita família! — exclamou Birgitta a meio da explicação do médico.

O homem interrompeu-se e desviou o olhar para a fotografia.

— Deve estar muito orgulhoso e feliz por ter estes dois anjinhos e uma mulher tão encantadora.

— Obrigado. Sim, é verdade. Mas agora, se pudéssemos...

O médico apontou para o papel que tinha na mão. Só então Birgitta reparou que ele parecia preocupado.

— Desculpe. Estou para aqui a falar de coisas sem importância quando decerto que tem mais do que fazer, com tantas outras pessoas à espera. Por favor, continue.

O médico afastou uma madeixa do cabelo brilhante que lhe caíra para a testa e coçou a cara. Os seus olhos amáveis fixaram-se em Birgitta.

— Infelizmente, a situação é a que temíamos. Confirma-se que tem cancro da mama.

O médico aguardou a reacção de Birgitta, que nunca chegou.

— Ouviu o que lhe disse, Birgitta?

— Sim, claro, claro.

O médico inclinou-se para a frente, pousou uma das mãos na dela e esperou que ela olhasse para ele.

— Compreendo que esteja surpreendida, preocupada e assustada. Contudo, a probabilidade de sobrevivência é bastante boa. Entraremos em contacto consigo outra vez assim que tivermos vaga para a cirurgia.

Birgitta sorriu-lhe.

— Obrigada. Parece-me bem.

Quando se levantou-se, os pés da cadeira arrastaram no chão.

— Quer que telefonemos a alguém para a vir buscar? — perguntou o oncologista.

Birgitta abanou a cabeça.

— Não, é melhor não incomodar ninguém com isto. Posso desenvencilhar-me sozinha.

O médico murmurou algo e Birgitta estendeu-lhe a mão para se despedir.

— Vi aqui que recebeu várias notificações para vir fazer uma mamografia, mas nunca chegou a comparecer? — insistiu o médico.

Olhou-a com ar intrigado, mas Birgitta limitou-se a sorrir. Não podia contar-lhe a verdade.

— Tenho tido tanto que fazer, nem imagina.

Largou-lhe a mão e saiu do consultório.

Ingrid Steen

Tommy ressonava ruidosamente. Ingrid pousou os pés descalços no piso de madeira, endireitou a camisa de dormir e levantou-se. Com passos cautelosos, saiu do quarto e desceu as escadas para o andar de baixo. Levou consigo o casaco de Tommy, o estojo de costura e trancou a porta da casa de banho atrás de si. Descoseu rapidamente os pontos que costurara na noite anterior e pôs a mão no interior do forro. Retirou o gravador e viu que a luz verde estava acesa; a maquininha ainda estava a funcionar. Parou a gravação, comprovou que a luz se apagava e suspirou.

Ingrid reprimiu o impulso de reproduzir o conteúdo de imediato. Em vez disso, voltou a fechar a costura com alguns pontos, destrancou a porta e voltou a pendurar o casaco no sítio.

Guardou o gravador no bolso do seu próprio casaco, foi à cozinha e bebeu um copo de água. Algumas horas depois, Tommy participaria no programa «Notícias matinais», e ela levaria Lovisa para brincar em casa de uma amiga. Nessa altura, teria tempo de ouvir toda a gravação. Quando voltou a apoiar a cabeça na almofada, recordou-se de como detestava ter de ouvir gravações quando era jornalista. Agora, mal conseguia esperar.

Viktoria Brunberg

Malte estava de ressaca. Os seus olhitos raiados de sangue e hostis pareciam procurar algum defeito, algo que pudesse criticar ou corrigir. Viktoria estava a fazer ovos mexidos. Colocou a frigideira em cima da mesa, com o saleiro ao lado, e indicou-lhe de longe um copo de sumo de laranja. Malte negou com a cabeça.

— Dá-me cerveja. Ou qualquer coisa que me alivie a ressaca.

Sem responder, Viktoria abriu o frigorífico e tirou uma das latas de cerveja que tinham sobrado da véspera.

— Mais alguma coisa?

Malte grunhiu algo em resposta. Viktoria saiu da cozinha, vestiu um dos casacos de Malte, calçou um par de botas de borracha e abriu a porta da rua. O ar estava gelado e penetrante. Conseguiu acender um cigarro. Os campos estavam cinzentos, o céu também, tudo era cinzento naquela maldita terra. Na estrada, a uns quinhentos metros de distância, viu um carro vermelho passar.

Teria dado tudo para ter carta de condução, porque assim poderia roubar o *Saab* de Malte e fugir. Ele, porém, tirara-lhe o passaporte e contara-lhe o que a polícia sueca lhe faria se a apanhasse a conduzir sem carta: seria presa, o que seria muito pior do que ficar em Sillbo. Deixaria tudo para ir para Estocolmo, onde aterrara no voo que a trouxera de Moscovo. Dessa vez, ela e Malte tinham ficado hospedados num hotel, e ele convidara-a para jantar num restaurante elegante. Mais tarde, já no hotel, Viktoria percebera que, a partir desse momento, passara a ser propriedade de Malte. Tinha de viver de acordo com as suas condições e ser uma simples figurante na sua vida. Ver-se-ia obrigada a cuidar da casa e a abrir as pernas, sempre que Malte lho pedia, em troca de sustento.

No dia seguinte, tinham partido em direcção a Heby, e, mais tarde, tinham seguido pelo interior da floresta para chegar a Sillbo.

Conhecera os pais de Malte nesse dia. Durante o almoço numa pizzeria de Heby, eles não tinham feito outra coisa senão olhá-la fixamente, como se fosse um animal raro, e quase não lhe tinham dirigido a palavra.

Viktoría esforçara-se ao máximo por ser educada e por lhes fazer perguntas num inglês macarrónico, mas eles continuaram em silêncio, sempre a olhar para ela. Já no carro, no caminho de regresso, Malte explicara-lhe que os suecos não gostavam muito de conversar.

Mesmo que tivesse conseguido fugir, o marido tinha outra maneira de se assegurar da sua obediência. Nos primeiros meses da vida em comum, e sem o conhecimento de Viktoria, Malte filmara sistematicamente todos os seus actos sexuais. Se ela desaparecesse, dissera-lhe, colocaria todos os vídeos em *sites* pornográficos, sobretudo em páginas russas de pornografia.

Viktoría apagou o cigarro num vaso de flores e despiu o casaco.

A cozinha estava vazia. Malte fora para a cave. Ouviu o barulho do televisor e os gritos de Malte a animar alguém, talvez um desportista. Viktoria arrumou a cozinha, lavou a frigideira, despejou os restos de cerveja no lava-loiça e pensou no que poderia fazer o resto do dia. O frigorífico estava praticamente vazio. Teria de pedir a Malte que a levasse a Heby, para poder ir às compras.

— Anda cá! — ouviu Malte chamá-la do andar de baixo.

Viktoría fechou os olhos, porque sabia o que ele queria. Desceu as escadas.

— Broche — disse Malte sem desviar os olhos do ecrã do televisor, ao mesmo tempo que puxava as calças de fato de treino e as cuecas para baixo.

Viktoría ajoelhou-se em frente ao sofá e colocou o seu pénis flácido na boca.

Malte pousou uma lata de cerveja na sua cabeça e riu-se.

— Porra, devia ter pensado nisto mais cedo. As vacas feministas têm razão, as mulheres conseguem mesmo fazer duas coisas ao mesmo tempo! — exclamou antes de se recostar no sofá.

Ingrid Steen

Depois de deixar Lovisa em casa da colega de turma e aceitar um café por educação, acompanhado de uma troca de palavras de circunstância com os pais da outra criança, Ingrid dirigiu o seu *Toyota Prius* cinzento-metalizado para fora dos arredores residenciais e rumou ao centro de Estocolmo.

Avançou a gravação até ao momento em que Tommy entrou na redacção e colocou os auriculares brancos nas orelhas, enquanto conduzia sem rumo pelo centro da cidade. Segurou o pequeno gravador na mão esquerda, com o pulso apoiado no volante, e prosseguiu lentamente pela avenida Sveavägen.

A reunião matinal dos chefes de redacção no gabinete de Svante... Uma conversa com um conhecido repórter, cheio de prémios, sobre a sua última série de reportagens... Um momento de silêncio... O som dos dedos de Tommy a bater nas teclas do computador... A maior parte da gravação era absolutamente desinteressante, até à altura em que Ingrid calculou ser a hora de almoço. Então, o telemóvel de Tommy tocou, Ingrid ouviu-o atender, ao mesmo tempo que fechava a porta do gabinete. A sua voz, que começara por soar formal, mudou de tom.

— Daqui a pouco, amor — disse Tommy.

Silêncio. Ingrid susteve a respiração.

— Com que então apetece-te um almoço prolongado? Tenho algumas coisas para fazer, mas encontramos-nos no sítio do costume, daqui a meia hora.

Ingrid travou num semáforo vermelho perto da estação Central. Duas pessoas a puxar malas de cabina com rodas atravessaram a estrada. Um homem com roupas sujas vasculhava num contentor do lixo, à procura de garrafas para recuperar o depósito. Uma mulher empurrava um carrinho de bebé.

«Porque é que ninguém faz nada, o meu mundo está a desabar e tudo continua simplesmente a funcionar?»

Um carro buzinou atrás dela. O semáforo passara para verde. Ingrid pisou o acelerador, talvez com demasiada força, porque o carro deu um solavanco para diante antes de começar a andar normalmente. Com os olhos na estrada, Ingrid avançou a gravação exactamente para trinta minutos mais tarde, enquanto conduzia por uma das muitas pontes do arquipélago de Estocolmo. O trânsito estava compacto, por causa dos trabalhos de manutenção. Tinham reduzido a circulação a duas faixas.

Pelos auriculares, ouviu Tommy atravessar a redacção, ao mesmo tempo que o gravador enfiado no casaco captava os comentários aduladores que Ingrid sabia que Tommy adorava. O marido era uma pessoa que adorava sentir-se importante, talvez por ter crescido com um pai solteiro, que também tinha sido jornalista. Desde o início da relação que Ingrid reparara quão sensível Tommy era aos elogios. Todas as pessoas se sentem bem ao ouvir que estão a fazer um bom trabalho, mas, para Tommy, esse tipo de reforço exterior era o mais importante da sua vida.

Fora assim que ele explicara o primeiro caso de infidelidade, estava Ingrid nos primeiros meses de gravidez de Lovisa. A sua primeira atitude foi expulsá-lo de casa, mas, alguns dias depois, perdoou-lhe. Tommy jurara que fora uma vez sem exemplo e que nunca mais voltaria a acontecer. Ela acreditara nas suas palavras.

Já no elevador, Tommy conversou com dois repórteres desportivos. Futebol. Ingrid percebeu pelo tom da sua voz que ele só queria sair dali, que a situação o entediava.

— Então, não quer vir almoçar connosco, chefe?

— Infelizmente não posso, tenho um almoço de trabalho. Mas acreditem, preferia passá-lo convosco a falar da primeira liga inglesa.

Risos educados. Os dois cretinos aparentemente acreditaram nele. Não imaginaram que o chefe estava a caminho de uma escapadela para estar com a sua amante.

Fez-se de novo silêncio no elevador. As portas abriram-se. Pela maneira como o eco dos passos de Tommy retumbavam, Ingrid

presumiu que estaria na garagem. Tentou visualizar o marido e pôr-se no seu lugar. Teria a consciência pesada? Pensaria nela e em Lovisa?

A porta do carro abriu-se, e Tommy sentou-se ao volante. Ingrid sobressaltou-se quando outra porta do carro também se abriu. Apesar de nenhuma palavra ter sido trocada, estava absolutamente certa de que nesse momento havia outra pessoa no carro. Por um segundo, perguntou-se se poderia estar errada, se poderia ser um informador secreto que Tommy ia entrevistar.

Desviou o olhar para o cais da avenida Söder Mälarstrand, para os barcos tristes e abandonados que esperavam a chegada da Primavera.

No segundo seguinte, distinguiu o ruído de uma braguilha a abrir-se e Tommy a gemer.

— Estavas com pressa, hoje — comentou, com um riso abafado.

— Já que me obrigas a baixar a cabeça, pensei que podia aproveitar a oportunidade para fazer alguma coisa de útil. Quanto tempo temos?

— Todo o tempo do mundo.

Ingrid sentiu uma tontura. Olhou rapidamente pelo espelho retrovisor, desviou-se para a faixa da direita, tirou os auscultadores das orelhas e saiu do carro aos tropeções. Correu até à margem do cais e vomitou para a água escura.

Birgitta Nilsson

Birgitta Nilsson estava convencida de que ia morrer. Olhou para os três homens com quem tinha vivido os últimos vinte e dois anos, aqueles à volta de quem girava toda a sua vida. Os gémeos Max e Jesper ter-se-iam um ao outro. Apesar de estarem prestes a completar vinte e dois anos de idade, moravam juntos e faziam tudo juntos. Birgitta esperava que os filhos tomassem conta de Jacob. O seu marido adorava os seus filhos e mimava-os sempre. Embora Jacob fosse um homem duro e frio e nunca a tratasse com a ternura que ela desejara, o seu amor pelos dois filhos não tinha limites. Desse modo, compensava a frieza com que a tratava — partilharem o amor pelos gémeos era tão bom como amarem-se um ao outro, costumava Birgitta dizer para si própria.

— Como foi o teu dia de trabalho hoje, meu amor? — perguntou ao marido, ao mesmo tempo que estendia a travessa com as batatas cozidas para Max.

Jacob murmurou qualquer coisa em resposta. Continuava irritado por a comida ter demorado mais tempo do que o habitual. Birgitta apressara-se a voltar para casa a seguir à consulta médica, mas só conseguira ter pronta às sete e um quarto a refeição dos rapazes, como costumava tratá-los aos três. Não era de admirar que estivessem todos tão calados, deviam estar esfomeados.

Instantes depois, começaram a conversar sobre barcos que, além do hóquei, era um dos seus assuntos favoritos. Birgitta acompanhou a conversa sem participar nela. Já havia algum tempo que Jacob falava em comprar um barco novo e ficou decidido que ele e os filhos iriam juntos a Västerås, para verem um que estava à venda.

— Que bom para vocês! — comentou Birgitta.

Ninguém lhe respondeu.

Quando acabaram de comer, os três deixaram os pratos em cima

da mesa e foram para a sala de estar. Birgitta levantou a mesa, arrumou a cozinha e guardou o que sobrou da refeição em três caixas de plástico: uma vermelha para Jacob e duas azuis que os gémeos poderiam levar para casa. O som das suas vozes acalmava Birgitta. A paisagem sonora do marido e dos filhos em frente ao televisor era o pano de fundo sobre o qual vivera a sua vida desde que, finalmente e como que por milagre, conseguira ser mãe aos quarenta anos. Tinha feito o que lhe competia, cumprira a sua missão. Os gémeos estavam crescidos, sabiam tomar conta de si. A maior parte das coisas que ela dizia era recebida com indiferença, mas Birgitta deixara de dar importância a isso.

Por vezes, sonhava com o tempo em que os filhos eram pequenos, quando dependiam dela e eram indefesos. Quando à noite se esgueiravam para o quarto dela e de Jacob. A dor que sentia ao pensar que esses tempos nunca mais voltariam, deixava-a em sobressalto. Depois, sentia-se pateta. Não conseguia evitar sentir ciúmes dos pais dos seus alunos, que viviam a melhor fase das suas vidas.

Duas horas mais tarde, Birgitta e Jacob estavam lado a lado, junto à porta de casa, a despedir-se dos filhos. Viram-nos atravessar o jardim e dirigir-se para a paragem de autocarro; só então Jacob fechou a porta e se virou para ela.

— Porque demoraste tanto tempo a chegar a casa? — perguntou-lhe, com os maxilares cerrados.

— Mas, meu amor, já te tinha dito que tinha uma reunião de pais e...

O primeiro punho cerrado atingiu-a no mesmo sítio onde lhe acertara na semana anterior. Birgitta caiu no chão. Jacob olhou-a ali caída, com uma expressão impávida, absolutamente imóvel.

— Se não fosses tão horrorosa até podia desconfiar que andavas a ter um caso. Mas quem é que havia de querer ir para a cama contigo? — disse Jacob.

Birgitta fitava a mão direita do marido. Reparou que os seus

dedos tremiam. Era como se ainda não tivesse decidido se devia continuar. Porém, Birgitta sabia, conhecia-o suficientemente bem para saber que ainda estava para vir mais. Soubera-o logo naquela manhã. Jacob estivera calado e taciturno. Era precisamente quando Jacob não lhe gritava que era importante ficar atenta.

A visita dos filhos apenas adiara os maus-tratos. Jacob inclinou-se para a frente, agarrou-a pela blusa e Birgitta fechou os olhos. Continuaram os murros. Sentiu os pulmões ficarem sem ar. Enrolou-se na posição fetal, com o rosto voltado para a parede, quando ouviu os passos dele afastarem-se na direcção da sala.

Birgitta permaneceu deitada alguns minutos, a reunir forças antes de se apoiar na parede e, com muito esforço, levantar-se do chão.

Ingrid Steen

Ingrid disse a Lovisa para brincar sozinha e foi para a casa de banho lavar os dentes. Evitou encarar o próprio reflexo no espelho. Fechou a tampa da sanita, sentou-se e respirou fundo algumas vezes. Tommy estivera em casa muito pouco tempo, e, até nos raros momentos em que se tinham cruzado, Ingrid quase não lhe dirigira a palavra e respondera-lhe por monossílabos quando ele lhe perguntara mais qualquer coisa. Apesar disso, Tommy parecia não se aperceber de nada.

Uma parte dela queria seguir em frente, fingir que nada acontecera. Centenas de milhares de mulheres, senão milhões, viviam com maridos infiéis. Sabia que Tommy já o fizera antes e, nessa ocasião, escolhera perdoá-lo. O que teria acontecido se não o tivesse feito? Lovisa teria sido obrigada a crescer com pais que viviam separados. Ela própria provavelmente teria retomado a profissão de jornalista, e não teria passado os dias todos em casa, inquieta, a sentir-se inútil.

Pigarreou, levantou-se e foi à cozinha.

Ao lado do enorme frigorífico de aço inoxidável havia um computador aberto com a agenda dela e de Tommy. A ideia era que cada um deles inserisse os seus compromissos semanais para que pudessem coordenar os horários. A cor de Tommy era o azul, a sua, o vermelho. Nove de cada dez pontos do cronograma pertenciam a Tommy: reuniões, reuniões, reuniões, galas, eventos, reuniões do clube de jornalistas. Para além de três sessões no ginásio, todas as actividades de Ingrid estavam relacionadas com Lovisa: ir buscá-la à escola ou deixá-la, dança, futebol e explicações. Na semana seguinte, a única coisa que quebrava esse padrão era uma reunião de pais, marcada a verde, uma vez que era uma actividade conjunta. Tommy oferecera-se estoicamente para a acompanhar.

Irritada, fechou a janela da agenda, abriu o navegador e escreveu no Google: *marido infiel; o que fazer?*

Viktoria Brunberg

Estacionaram à porta do fraco supermercado ICA, em Heby. O céu cinzento prometia chuva. Pessoas vestidas com fatos de treino arrastavam sacos de compras até aos seus automóveis ferrugentos. Viktoria entrou e pegou num carrinho de compras.

— Vê se te despachas e não compras merdas inúteis. Não sou milionário — murmurou Malte.

«Não, isso é evidente», pensou Viktoria.

Malte começou a andar à sua frente. Como a *T-shirt* era demasiado curta e as calças cinzentas do fato de treino estavam descaídas na cintura, deixavam-lhe o rego à mostra. Malte não queria saber, cumprimentava os conhecidos com um «olá» indiferente ou um simples aceno da cabeça.

Quando chegaram à zona do leite, impaciente, Malte começou a suspirar e a gesticular ostensiva e exageradamente quando Viktoria viu Mi, a mulher tailandesa de Lars. Era pequena e tinha um sorriso enorme, como se alguém lhe tivesse feito um golpe de orelha a orelha. Estava sempre feliz. Qual seria o seu problema? Seria possível sentir-se bem naquele buraco infecto, com aqueles saloios brancos e malcriados?

— Olááá, Viktoria! Como está? — cumprimentou Mi com o seu sotaque cerrado e a sua voz alegre.

Viktoria retribuiu-lhe a saudação com um sorriso tenso. Por essa altura, já Malte e Lars também se tinham encontrado e as suas gargalhadas ruidosas ecoavam pelo supermercado.

— Eu fazer *noodles* esta noite. E tu? — perguntou Mi alegremente ao olhar para o carrinho de compras de Viktoria e antes de começar a pegar nos produtos que estavam no seu interior para os inspeccionar.

«Uma tarte de cianeto e estilhaços picados», pensou Viktoria.

— *Strogonoff* — respondeu Viktoria, sem fazer o mínimo esforço para lhe sorrir.

Lars e Malte vieram ter com elas, Malte com um braço em volta dos ombros de Lars.

— Temos de comemorar isso. Caga nas compras! — disse e apontou para os produtos no carrinho.

Viktoria olhou-o com ar inquisitivo.

— Lars vai ser pai! — exclamou Malte, ao mesmo tempo que dava umas palmadas nas costas de Lars.

— A Mi contou-me hoje de manhã! — explicou Lars, orgulhoso.

Viktoria suspirou baixinho. Claro que era bom poder sair de casa. A viagem até Heby não era propriamente uma odisseia de felicidade, mas, pelo menos, quebrava ligeiramente o tédio e a monotonia. Porém, agora teria de suportar uma tarde inteira e provavelmente até ao fim do dia na taberna da vilória.

— Já não vamos fazer as compras? — perguntou a Malte.

— Porra, realmente nunca consegues mostrar o mínimo de alegria nem de espontaneidade! — gritou Malte. — Não ouviste o que o Lars e a Mi disseram? Vão ser pais, temos de comemorar isso!

— Tenho de ir a casa mudar de roupa, então. E tu também — disse Viktoria, apontando para as calças de fato de treino manchadas do marido.

— Oh, o Lars empresta-me uma camisa. Não é, Lars? E tu podes vestir um vestido da Mi. Vai ser giro, não vai?

Viktoria olhou para a pequena mulher tailandesa que, com um sorriso rasgado, lhe mostrou o polegar em sinal de concordância. Viktoria sentiu um calafrio.

Ingrid Steen

Ingrid estava sentada à mesa da cozinha, a ver como a onda «MeToo» começava a varrer toda a Suécia, o mundo inteiro. Começara nos Estados Unidos da América e estava em todo o lado.

O seu mural no Facebook estava repleto de mulheres que davam a cara, erguiam a voz e contavam as suas histórias. Violações, agressões sexuais, abusos de poder. Todas tinham algo para contar, todas. Era hipnotizante. Não conseguia deixar de ler as suas histórias.

Fez uma retrospectiva da sua própria vida, a adolescência em Västerås, os anos em que raramente reflectia sobre o facto de lhe chamarem «puta» por recusar os avanços de algum pretendente num bar. Noites em que se embebedara de tal forma numa qualquer festa, que acordava sem cuecas e com memórias dispersas de mãos a tocarem no seu corpo. Era evidente que tinham sido agressões sexuais. E não acabara aí. Nos primeiros anos no jornal, colegas femininas alertaram-na para não ficar sozinha com alguns repórteres e fotógrafos. Os colegas homens riam-se e desvalorizavam a situação, quando alguém bebia demasiado e usava isso como desculpa para deixar uma mão beliscar rabos, seios e cinturas. O repórter criminal que, quando ela estendera a mão e se apresentara na sua primeira semana de trabalho, a olhara de cima a baixo e, em vez de lhe dizer o seu nome, comentara «que bela boca para um broche».

Há muito tempo que os abusos faziam parte do jogo, mas agora as regras tinham finalmente mudado.

Ingrid pousou o telemóvel sobre a mesa e levantou-se. Foi ao quarto de Lovisa para se certificar de que a filha estava a dormir. Endireitou o edredão, aconchegava-o à volta do corpo da filha quando ouviu o barulho do carro de Tommy aproximar-se. O marido

subiu a rampa da garagem com passos apressados, Ingrid fechou a porta do quarto de Lovisa e desceu as escadas.

Tommy estava a descalçar os sapatos. Quando a viu, abanou a cabeça.

— Que dia infernal, meu Deus! E amanhã tenho de estar outra vez na redacção às sete da manhã.

Ao ver que Ingrid não respondia, Tommy continuou.

— Uma publicação sensível. Mesmo muito sensível. Vou receber a versão final do artigo daqui a meia hora.

Foram os dois para a cozinha. Ingrid preparou café, enquanto Tommy se sentou à mesa.

— Hoje vieram duas colaboradoras falar comigo, querem que o jornal despeça Ola Pettersson e Kristian Lövander. Parece que tiveram um comportamento inadmissível.

— Mas isso também já sabias.

Pensou atirar-lhe a traição à cara, mas sempre que estava prestes a fazê-lo, sentia a língua presa. Porque estaria aquilo a ser tão difícil para ela?

Tommy esboçou um sorriso.

— Pois, mas também foi sem más intenções. São dois velhos jarretas de outros tempos. Esta coisa da igualdade de género é nova para eles. Não fazem por mal, não são más pessoas. Além disso, o jornal precisa deles, são dois jornalistas respeitados com uma trajectória que muito poucos conseguem igualar. Os leitores confiam neles. Porra, foi o Lövander que me ensinou tudo quando cheguei ao jornal. Não posso simplesmente despedi-lo.

— Então, o que disseste às colaboradoras?

— Disse que ia investigar o assunto e pedi-lhes que mantivessem isto entre portas, digamos.

Ingrid sentiu uma náusea espalhar-se por todo o corpo. Duas mulheres jovens tinham ido ter com Tommy para lhe pedir ajuda, e ele despachara-as e impusera-lhes silêncio.

— Tommy, tens de...

Tommy sobressaltou-se e fitou-a.

— Não tenho de fazer nada! Percebes lá o que é melhor para o jornal, para nós.

— Mas...

— Cala-te, porra! Não estou com paciência para discussões. Não fazes a mínima ideia do que estás para aí a dizer.

Ingrid calou-se. Procurou o marido com o olhar, na esperança de nele encontrar um pouco de afecto e compreensão, mas ele ignorou-a. Ingrid teve a sensação de que voltava a ser a menina pequenina castigada pelo director da escola.

Beberam o resto do café em silêncio, antes de Tommy se levantar da mesa e subir as escadas. Ingrid pegou nas chávenas vazias e lavou-as à mão.

Birgitta Nilsson

Na baía de Aspudden, soprava um vento frio, mas o sol brilhava e cintilava em reflexos sobre a água. Birgitta Nilsson acendeu um cigarro, inspirou o fumo lentamente, abafou um ataque de tosse e expirou. Bebeu um grande gole da garrafa de *Coca-Cola*. Refrigerantes e nicotina eram os sabores que associava àqueles bairros, onde crescera e formara a sua personalidade.

Costumava regressar ali uma vez por ano, caminhar por entre os prédios altos e terminar o passeio sentando-se sobre as rochas junto à água, com a lata e os cigarros na mão. Nunca contara nada, nem a Jacob, nem aos filhos, mas também ninguém lhe perguntara. Mudou de posição e sentiu uma dor nas costelas.

O médico perguntara-lhe por que razão não tinha ido fazer as mamografias. Birgitta sorriu e soltou uma gargalhada. Fumou o resto do cigarro e confirmou que tinha pastilhas elásticas para disfarçar o cheiro.

Quão surpreendido o médico teria ficado, se ela lhe tivesse respondido com a verdade.

Porque o meu marido me maltrata sempre que lhe apetece. Bate-me onde não se vê as marcas, e eu costumo pensar que, desde que não se vejam, também não existem.

Birgitta tinha vinte e sete anos quando conhecera Jacob num bar agora demolido do bairro de Klara. Não se recordava do nome do bar, mas também não tinha importância. Jacob chegara com alguns amigos. Era um economista recém-formado, de fato castanho, cabelo penteado com brilhantina e uma gravata estreita. «Um snobe», pensara Birgitta. Um dos amigos dele abordara Birgitta e a sua amiga, para as convidar a juntar-se ao grupo de economistas. Elas responderam que iriam pensar no assunto e, momentos depois, mudaram-se para a mesa deles. Já naquela altura Jacob lhe

parecera calado e introvertido. Enquanto os seus amigos mantinham a conversa fluida, ele bebia calmamente o seu copo de vinho, acrescentando, de vez em quando, um comentário ou outro. Mais tarde, nessa mesma noite, o grupo decidira prolongar o convívio numa discoteca. Era evidente que Birgitta não apreciava o volume da música tão elevado, e Jacob puxara-a pelo braço e perguntara-lhe se queria ir para outro sítio, onde fosse possível ouvir pelo menos o que diziam.

— Os outros também vêm? — perguntara-lhe ela.

Jacob abanara a cabeça.

— Não, só tu e eu.

Birgitta sentiu-se especial. A escolhida. Percebeu que Jacob era um homem de poucas palavras, e, naquele preciso momento, sentiu que era dele. Nesse momento, toda a sua vida mudou. Se Birgitta não o tivesse acompanhado, tudo poderia ter sido diferente. Talvez não tivesse hematomas nem contusões para esconder quando fosse chamada para fazer uma mamografia.

No cais, duas crianças com macacões coloridos vestidos e gorros enormes enfiados quase até aos olhos atiravam pedras para a água. Birgitta olhou à sua volta para ver se havia algum adulto por perto a vigiá-las. Podia tão facilmente haver um acidente.

Uma mulher jovem estava sentada num banco a olhar para elas. Birgitta assentiu com a cabeça. Porém, ao mesmo tempo, em parte, sentiu-se desiludida. E se uma das crianças decidisse entrar na água e ela a pudesse salvar? A gratidão dos pais seria infinita. Talvez até escrevessem um artigo sobre ela no jornal local. E se Birgitta morresse ao tentar resgatá-las? Não conseguia imaginar um final mais belo, do que sacrificar a sua vida por duas crianças. Talvez, então, até os gémeos e Jacob ficassem orgulhosos dela e fizessem um comentário bonito a seu respeito para o jornal.

— Estás a ficar maluquinha — murmurou para si própria.

Viktoría Brunberg

O vestido cor-de-rosa que Mi lhe emprestara era demasiado pequeno, e subia-lhe pelo rabo acima ao mínimo movimento mais brusco. Viktoria tinha de estar constantemente atenta para não mostrar as suas partes mais íntimas ao resto da clientela do restaurante de Heby.

Tinha-lhes sido indicada uma mesa para quatro pessoas. Os homens tinham-se sentado um à frente do outro. Viktoria estava aninhada num tamborete baixo e desconfortável e tinha Mi, do outro lado da mesa, constantemente a falar e a rir.

A carne dura e as batatas fritas brancas e engorduradas já tinham desaparecido dos pratos. Malte passou o dedo indicador pelo prato para lambe os últimos restos do molho *béarnaise*.

— Agora, vamos beber! Bem, tu não, Mi, senão a criança ainda sai disforme e atrasada — exclamou Malte, erguendo o copo de cerveja e mostrando os dentes amarelados. Os cantos da boca e o queixo estavam brilhantes de gordura. O riso histérico de Mi atravessou Viktoria como uma lâmina.

— Saúde, porra! — acrescentou Lars, antes de beber todo o copo de cerveja e chamar o empregado para lhes servir outra rodada.

Nos primeiros meses, fora Viktoria quem se esforçara por manter algumas conversas com Malte, quem tentara levá-los a encontrar afinidades, mantê-lo satisfeito e contente. Esse tempo acabara. Tinha cada vez mais dificuldades em dissimular o seu desprezo. Não conseguia compreender como Mi fazia para manter o bom humor. A pequena mulher tailandesa ria-se e acenava com a cabeça a cada comentário idiota que saía da boca de Lars e de Malte. Parecia satisfeita com a vida em Heby, satisfeita por ter um homem demasiado gordo que nunca se lavava e falava dela como uma

espécie de animal de estimação. Não havia mais qualquer coisa por detrás das gargalhadas e do olhar vazio?

— Queres acompanhar-me à casa de banho? — perguntou-lhe Viktoria.

Mi assentiu com a cabeça. Levantaram-se as duas. Viktoria puxou rapidamente o vestido para baixo, de forma a cobrir pelo menos metade das nádegas. Os homens da sala dirigiam-lhe sorrisos irónicos e lambiam os lábios. Na fila para a casa de banho, duas mulheres suecas de certa idade olhavam-nas fixamente.

— Prostitutas importadas — sussurrou uma delas para a amiga e fez um gesto com a cabeça na sua direcção.

Viktoria lançou-lhes um olhar irado, antes de se virar para Mi, que parecia completamente indiferente. As mulheres desapareceram.

— Não te incomoda, falarem de ti assim? — perguntou a Mi ao sentar-se na sanita.

Mi pareceu surpreendida.

— Não!

Viktoria suspirou e apontou para a barriga.

— Estás feliz?

— Muito. Lars também feliz. Quero ele feliz.

— Não odeias este maldito sítio?

— Heby?

— Sim, claro.

— Heby é bonito.

— Mas não sentes falta do teu país, da tua família, dos teus amigos?

— No meu país, eu não tinha família. Não tinha nada. Aqui, tenho tudo.

Viktoria suspirou de novo e ajeitou o vestido.

Mi abriu a porta e os olhares de desprezo seguiram-nas enquanto percorriam o corredor. Em Ecaterimburgo, Viktoria teria arrancado os olhos às mulheres que olhassem para ela daquela forma, mas nunca ninguém se atrevera a fazê-lo. Sobreretudo desde que conhecesse Yuri.

Viktoria trabalhara numa loja de roupa interior de um centro comercial de luxo, no centro da cidade. Uma manhã, na companhia

de uma bela mulher e dois guarda-costas, Yuri entrara na loja. A loira-platinada tivera uma atitude arrogante, franzira o nariz e menosprezara Viktoria com um gesto da mão quando ela lhe perguntara se queria ajuda.

Enquanto a mulher experimentava uma série de conjuntos de *lingerie* caríssimos, Yuri piscou o olho a Viktoria. No instante seguinte, a mulher saiu do provador e atirou a roupa interior para cima do balcão com um gesto de cabeça afirmativo. Yuri levantou-se do sofá e estendeu-lhe um cartão *American Express*. Na mesma mão, também segurara um pequeno papel com um sorriso desenhado e um número de telefone.

Quando saíram da loja, Viktoria observou o número e apercebeu-se de que representava a grande oportunidade da sua vida. Apesar de se sentir feliz por ter um emprego, era muito aborrecido ter de estar às ordens das milionárias pretensiosas por um salário que mal chegava para comer e pagar a renda mensal. Nas discotecas de Ecaterimburgo, Viktoria vira homens como Yuri gastar mais numa noite do que aquilo que ela ganhava num ano. As mulheres que os acompanhavam mal conseguiam mexer-se sob o peso de todos os diamantes e jóias de ouro que lhes cobriam os corpos esguios. No fundo, sempre soubera que um dia seria uma delas, e, quando vira que Yuri mal conseguia desviar os olhos dela, percebera que aquela era a sua oportunidade. Mas era importante fazer a jogada certa. A sua relação com a máfia de Ecaterimburgo não devia limitar-se a uma incursão rápida; homens como Yuri trocavam de amante todos os meses, Viktoria pensava jogar com inteligência.

Yuri demorara quatro dias a voltar a aparecer na loja. Desde o seu primeiro encontro, todas as manhãs, Viktoria passava cada vez mais tempo em frente ao espelho. Daquela segunda vez, Yuri viera sem Ivana, estava acompanhado apenas por um dos guarda-costas. Trazia consigo um saco e manteve os olhos fixos em Viktoria, enquanto caminhava até à caixa registadora. Levantou o saco e pô-lo sobre o balcão.

— Não foram do seu agrado? — perguntou Viktoria, com um sorriso provocador. Do interior do saco, retirou um par de cuecas fio dental. — É preciso ser uma mulher a sério para conseguir usar isto.

Infelizmente, não aceitamos devoluções de roupa interior, tem de dizer à sua mulher para prestar mais atenção quando experimenta roupa.

— Não ligaste — disse-lhe Yuri.

— Ligar? — perguntou Viktoria, surpreendida. — A quem devia ter ligado?

Yuri fez-lhe um sorriso rasgado.

— Vem jantar comigo. Esta noite?

— Com jantar ou sem jantar, não é possível fazer trocas de roupa interior, lamento. É a nossa política.

— Caga na maldita roupa interior. Quero encontrar-me contigo.

— Estou a trabalhar, como pode ver.

Viktoria sentiu o coração disparar. Estaria a arriscar demasiado? Estava prestes a dizer que aceitava o convite quando Yuri pegou no telefone.

— Diz-me o número do teu chefe.

Viktoria deu-lhe o número de telefone e ouviu-o apresentar-se com o nome e apelido. Também ouviu a voz espantada do seu chefe, antes de Yuri se virar e afastar um pouco com o telefone encostado ao ouvido. Passados alguns minutos, começou a andar novamente na direcção de Viktoria.

— Então, fica assim combinado. Vou pedir ao meu advogado para lhe enviar o contrato. Adeus.

Yuri desligou a chamada e guardou o telefone.

— Acabei de comprar a loja. O horário de abertura foi alterado e o teu dia termina dentro de cinco minutos.

*

Viktoria despertou das suas memórias quando Malte lhe deu um encontrão brusco com o cotovelo.

— Já não estão a aceitar pedidos das mesas. Vai ao balcão buscar duas cervejas! — ordenou-lhe o marido, apontando para o bar.

Ingrid Steen

Tommy não aparecera para ter a reunião com a professora, como prometera. Ingrid estava encolhida numa das pequenas cadeiras da sala de aula, enquanto a professora Birgitta, como todos lhe chamavam, ocupava o seu lugar à frente.

Ingrid mal conseguia pensar com clareza depois da conversa com Tommy. Como era possível mostrar tamanha falta de empatia? Há imensos anos que mulheres do seu próprio jornal tinham sido aterrorizadas por aqueles dois repórteres e ninguém fazia nada em relação a isso. Ao mesmo tempo, Tommy não hesitava em sentar-se nos sofás dos programas da manhã, para falar de igualdade de género e vangloriar-se de ter contratado uma mulher para um cargo de direcção da redacção do jornal. Era um verdadeiro hipócrita. E Ingrid sentia-se uma hipócrita ainda maior por estar ao seu lado.

— Esperamos pelo editor? — perguntou Birgitta a olhar para a porta.

— Não é preciso, infelizmente ele hoje não ia conseguir fugir às obrigações no jornal — respondeu Ingrid automaticamente.

Nos últimos anos, quantas vezes se ouvira a repetir aquela mesma frase? O que a levaria a continuar a proteger aquele porco infiel? A velha talvez também gostasse de fazer parte do harém de mulheres de Tommy.

— Que pena! — respondeu Birgitta. — Mas claro que compreendo. Ele tem um trabalho muito importante, principalmente com todas as coisas horríveis que acontecem no mundo.

Ingrid não respondeu, mas Birgitta ainda não concluía a declaração de excelência de Tommy.

— Li a sua crónica no domingo. Ele defende as suas ideias com tanta paixão. Deve estar muito feliz e orgulhosa.

Ingrid teve de se esforçar para não revirar os olhos. Em vez disso,

mudou de posição e as pernas da cadeira rangeram contra o chão.

— Vamos começar?

— Claro que sim, ora essa — respondeu Birgitta e endireitou-se. Estudou rapidamente o papel à sua frente. — A pequena Lovisa sai aos pais na inteligência e na beleza. É excelente em todas as matérias e...

*

Ingrid sentou-se ao volante do seu carro. Não podia continuar assim, tinha de fazer alguma coisa. A raiva fervia dentro de si. Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem à *baby-sitter* a pedir-lhe para ficar mais duas horas. Sem esperar pela resposta, dirigiu-se para a redacção do *Aftonpressen*, no centro da cidade.

Depois de passar alguns minutos às voltas à procura de um lugar de estacionamento, cansou-se, parou o carro num lugar para cargas e descargas e desligou o motor. Entrou disparada pela porta principal e aproximava-se do torniquete quando se lembrou de que já não tinha o cartão de acesso. Voltou para trás e dirigiu-se à única recepcionista que estava na entrada.

— Venho encontrar-me com o editor-chefe do *Aftonpressen*, Tommy Steen.

A recepcionista assentiu com a cabeça.

— Tem marcação?

— Sou a mulher dele.

A rapariga atrás do balcão sorriu-lhe com amabilidade.

— Sinto muito, mas só se pode entrar com marcação ou cartão de acesso. São as nossas regras. Porque não lhe telefona e lhe pede que venha cá abaixo buscá-la?

Ingrid inclinou-se por cima do balcão e fitou-a.

— Vai abrir-me a porta, agora! Percebeu?

A rapariga abria a boca para responder, quando Ingrid ouviu alguém chamá-la. Voltou-se e uma das suas antigas colegas, Mariana Babic, abraçou-a calorosamente.

— Ingrid! Vens ter com o Tommy? — perguntou-lhe.

— Sim, estava a pensar nisso.

— Que pena! Por instantes tive esperança que me dissesse que tinhas voltado a trabalhar connosco, mas, se fosse esse o caso, também terias um cartão de acesso. Anda comigo, eu levo-te.

Mariana passou duas vezes o seu cartão de acesso no leitor e deixou Ingrid entrar. Enquanto subiam no elevador, Ingrid só conseguia perguntar-se se Mariana estaria ao corrente da aventura amorosa de Tommy. Tinham chegado as duas ao *Aftonpressen* na mesma altura, davam-se bem e relacionavam-se até fora do trabalho, mas agora Mariana dirigia a secção de política e era uma das pessoas mais influentes da redacção. Ingrid sentiu-se inferiorizada, desinteressante e perdida, enquanto Mariana lhe fazia perguntas alegremente. Não havia uma certa compaixão no rosto de Mariana?

As portas do elevador abriram-se e saíram.

— Não preciso de te dizer onde fica o gabinete dele, pois não? — perguntou Mariana a rir.

— Eu sei o caminho.

Mariana olhou-a com uma expressão séria.

— Gostava de... devíamos encontrar-nos um dia destes. Queres?

— Claro que sim — respondeu Ingrid, apesar de saber que Mariana dissera aquilo mais para se mostrar simpática.

— Que bom, então, fica combinado. Depois, encontramo-nos.

Inclinou-se para a frente e voltou a abraçar Ingrid, antes de desaparecer pelo corredor. Ingrid começou a dirigir-se para o escritório de Tommy. Reconheceu algumas das pessoas por quem passou e cumprimentou-as rapidamente, mas sem se deter. Passou pela equipa da secção cultural e pela redacção central, o coração do jornal.

O gabinete envidraçado de Tommy estava posicionado de maneira a ele poder supervisionar todo o trabalho da redacção. O marido estava sentado atrás da secretária com os pés em cima da mesa, muito concentrado a escrever no computador portátil pousado em cima das pernas, quando Ingrid bateu à porta e entrou. Tommy levantou o olhar surpreendido do monitor, porque, eram poucos os colegas que entravam sem esperar por uma resposta.

— O que estás aqui a fazer? A Lovisa está bem?

— Está, não te preocupes.

Ingrid fechou a porta atrás de si, enquanto Tommy se endireitava na cadeira e pousava o computador sobre a mesa.

— Então, o que estás aqui a fazer?

Ingrid sentou-se numa das duas cadeiras para as visitas.

— O que vai acontecer a Ola Pettersson e Kristian Lövander? — perguntou-lhe.

Tommy olhou-a com alguma perplexidade.

— O que queres dizer com isso?

— As alegações feitas contra eles são muito graves.

— Mas por que raio entras aqui de repente para discutir isso? Julguei que tinha sido bem claro no outro dia!

Ingrid virou a cabeça e olhou para a restante sala da redacção. Depois, voltou-se outra vez para Tommy.

— Na minha primeira festa de Verão aqui, Ola Pettersson enfiou dois dedos por baixo da minha saia e disse que uma das obrigações das estagiárias era serem «testadas» por ele. Na altura, ele tinha quarenta anos e eu, vinte e três.

Tommy olhou-a inexpressivo e sem reacção. Ingrid perguntou-se como teria seduzido a jovem repórter com quem ela o ouvira no carro. Talvez até já a tivesse visto na redacção.

— Sim, eu sei que ele é um cretino, mas...

— Mas o quê, Tommy? Ele é um cretino, mas, como já recebeu o grande prémio do jornalismo, não faz mal andar a enfiar os dedos dentro das cuecas das miúdas novas do jornal? Ou uma das benesses de Kristian Lövander por ter recebido um prémio de investigação jornalística é poder chamar «cabras» às estagiárias?

— Acalma-te, sabes bem que não é isso que quero dizer.

— Então, o que queres dizer?

Tommy suspirou e passou uma mão pela barba de três dias.

— Despede-os — insistiu Ingrid. — Com que credibilidade vão vocês criticar aquele apresentador acusado de assédio sexual, se primeiro não limparem a vossa própria casa? — perguntou-lhe com os punhos cerrados antes de respirar fundo. — Porra, és mesmo um hipócrita de merda e um cobarde, é o que tu és! — gritou-lhe.

Tommy sobressaltou-se.

— Mas o que se passa contigo? Acalma-te!

Lançou um olhar preocupado por cima do ombro de Ingrid e acenou com uma cordialidade fingida para alguém que passava no corredor.

— Se esses dois porcos ainda não estiverem no olho da rua daqui a quarenta e oito horas, juro-te que vou para a televisão contar algumas das minhas memórias das façanhas de Ola Pettersson.

— Não serias capaz de fazer isso! — exclamou Tommy. Ingrid viu como o rosto do marido ficava vermelho e, um segundo depois, explodia: — Não acredito que sejas tão desleal, isso prejudicaria todo o jornal, irias prejudicar-me!

Tommy levantou-se tão bruscamente da cadeira que esta caiu para trás com estrondo.

Desleal? Mas quem era ele para lhe vir falar de deslealdade? Aquele hipócrita. Ingrid abriu a boca para gritar que sabia tudo sobre a sua infidelidade, mas conteve-se. Cerrou os punhos e inspirou fundo.

«#MeToo». As regras do jogo tinham mudado, tinha de jogar com habilidade. Tommy continuava parado a olhá-la, furioso. O rosto praticamente roxo.

— Quero esses putanheiros na rua daqui a quarenta e oito horas — disse calmamente e levantou-se.

Quando saiu do escritório, estava a tremer de raiva. Atravessou a redacção, olhando fixamente em frente, sem cumprimentar ninguém.

Viktoría Brunberg

Malte ressonava ao seu lado. Cada poro do seu corpo volumoso emanava um fedor nauseabundo a álcool. Viktoria pôs os pés no chão e abriu mais ainda a janela, antes de voltar a deitar-se por baixo do edredão. Três minutos depois, levantou-se outra vez.

Malte dormiria até tarde no dia seguinte. Se ela pegasse no carro, fosse a Estocolmo e, de lá, apanhasse o *ferry* para São Petersburgo, seria impossível ele encontrá-la. A única coisa de que precisava era de um passaporte e alguns milhares de coroas para a gasolina e o bilhete de barco. Podia ir para uma qualquer cidadezinha perto da costa do mar Báltico, onde ninguém a conhecesse, arranjar trabalho outra vez numa loja e começar de novo.

Qualquer coisa era melhor do que ser a besta de carga de Malte.

Viktoría esgueirou-se para o corredor, desceu as escadas e olhou em volta. Sabia que Malte guardava os objectos de valor num pequeno cofre, que também costumava ter algum dinheiro. O coração batia-lhe com força no peito. Sentia-se excitada e cheia de energia.

Ia sair dali. Finalmente! Começou a cantarolar a melodia do hino nacional russo, ao mesmo tempo que retirava as chaves do vaso de flores onde estavam escondidas. Malte sempre se negara a dizer-lhe onde estavam as chaves, mas, na noite anterior, traíra-se: ao atirá-las para o sítio onde as guardava, deitou ao chão um dos potes, que estava no peitoril da janela da cozinha, fazendo as chaves saltarem e saírem do lugar. Lá fora, uma neblina espessa cobria os campos escuros.

Aproximou-se do cofre e abriu-o. No fundo, encontrou o seu passaporte cor de vinho e um envelope com dez mil coroas suecas. Pegou no dinheiro e guardou o passaporte no bolso de trás das

calças de ganga. Vestiu um casaco de penas e olhou em volta para o vestíbulo da entrada. Não precisava de mais nada. Não queria ficar com nenhuma recordação daquela casa.

Malte tinha o hábito de deixar as chaves do carro penduradas num pequeno chaveiro no corredor. Viktoria procurou-as com a mão no escuro — estava vazio.

Ingrid Steen

Ingrid não sabia nada de Tommy, desde que fora ter com ele à redacção do jornal. Não fazia a mais pequena ideia de onde estava; a única coisa que sabia era que as coisas tinham mudado... para sempre. Ficou a fitar a imagem da mulher que aparecia no ecrã do seu portátil.

Entrara na página da Aftonpressen-TV, para ver as últimas notícias sobre os casos de assédio sexual, revelados pelo movimento #MeToo, quando, de repente... aquela voz. A mesma voz que, no carro de Tommy, a gravação registara aos risinhos. E agora aqueles lábios. Os mesmos que tinham masturbado o seu marido. Ingrid parou o vídeo e inclinou-se para a frente. A apresentadora, Julia Wallberg, era loira, tinha uns olhos verdes enormes e uns lábios perfeitos para fazer anúncios a gelados. Era incrivelmente bonita. E muito nova. Quão nova? Ingrid abriu uma página da Wikipedia. Vinte e cinco anos. A sua carreira tivera uma ascensão meteórica, e, nesse ano, fora eleita uma das pessoas mais influentes da Suécia com menos de trinta anos. Ter-se-ia Ingrid cruzado com ela naquele mesmo dia na redacção? Não, estava a imaginar coisas. Abriu o Instagram e procurou a conta de Julia. Vinte e dois mil seguidores. Fotografias suas no estúdio de televisão, em bares, em diversas esplanadas de restaurantes no Verão.

Uma fotografia tirada em Palma de Maiorca. Tommy também lá estivera em Julho, com um amigo de infância. Ingrid levantou-se e foi consultar o calendário do computador que estava ao lado do frigorífico. Tinham lá estado ao mesmo tempo. Há quanto tempo seriam amantes? Voltou a olhar para as publicações mais recentes na conta do Instagram e arregalou os olhos quando viu que, apenas

alguns segundos antes, Julia Wallberg publicara uma nova fotografia sua, no restaurante Taverna Brillo.

Ingrid subiu rapidamente para o primeiro andar para verificar que Lovisa ainda estava a dormir, depois, foi para a casa de banho, maquilhou-se à pressa, vestiu uma camisola, pegou no casaco e trancou a porta da entrada.

Viktoría Brunberg

Vinte minutos mais tarde, Viktoria ainda não tinha encontrado as chaves do carro. Não estavam em nenhum dos casacos de Malte nem na cómoda junto à porta. Viktoria inspirou fundo. Podiam estar no bolso das calças de Malte, no quarto? Embora ele tivesse um sono muito pesado, Viktoria sentia alguma relutância em desafiar o destino e remexer o quarto.

Rodou a maçaneta da porta e espreitou para o interior escuro. Foi atingida pelo fedor quente a cerveja e suor. Descalçou os sapatos.

— Será a última vez — murmurou em russo, e entrou no quarto o mais silenciosamente que conseguiu.

Malte continuava a ressonar. Os olhos de Viktoria habituaram-se depressa à escuridão, e não tardou a localizar as enormes calças de ganga atiradas sobre as costas de uma cadeira junto à janela. Tacteu com todo o cuidado os bolsos, e as chaves caíram no chão com estrépido. Viktoria sobressaltou-se e ficou paralisada, sem respirar. Olhou novamente para Malte, que parara de ressonar e murmurava qualquer coisa. Continuará a dormir ou teria acordado? Viktoria sentiu que o ar viciado começava a queimar-lhe os pulmões, e não pôde fazer mais do que abrir a boca e expirar o mais silenciosamente possível. Inspirou outra vez e agachou-se. Tacteu as tábuas de madeira com a palma da mão, sentiu algo metálico e fechou a mão em volta das chaves. Apertou-as com força para que não tinissem. De seguida, deitou-se no chão e arrastou-se ao longo dos pés da cama direita à porta.

Ingrid Steen

Ingrid pendurara a carteira e o casaco num gancho por baixo do balcão do bar e pedira um *gin* tónico. O restaurante Taverna Brillo estava cheio de gente jovem e moderna, vestida com a última tendência. Através do espelho atrás do balcão, conseguia ver toda a sala. Julia Wallberg estava sentada numa das mesas redondas com duas amigas, vestida com uma blusa branca e uma saia azul-escura. De vez em quando, alguém se aproximava delas, trocavam algumas palavras e acabavam por tirar uma *selfie* com Julia. Ela ria-se, parecia divertida, era simpática para as pessoas que a abordavam, embora Ingrid não conseguisse ouvir o que diziam.

Usou uma das mãos para esconder o visor do telemóvel, abriu o navegador e escreveu o nome de Julia no campo de pesquisa. Mais valia aproveitar o tempo para fazer uma pesquisa rápida. O problema, apercebeu-se, era que não fazia a mínima ideia do que iria fazer em seguida. Devia confrontar Julia? Perguntar-lhe como tinha coragem de se deixar envolver com um homem casado?

Julia Wallberg, leu, crescera em Borås, contudo, mudara-se para Estocolmo para estudar no liceu Kaggeholm. Paralelamente aos estudos, criara um canal no Youtube sobre política, que chamara a atenção do jornal *Aftonpressen*. Vivia na freguesia de Bergsunds Strand, na zona de Hornstull.

Ingrid sentiu as mãos tremer. Levantou os olhos e observou a jovem, enquanto levava o copo de *gin* aos lábios. Reconheceria nela a mulher do seu amante? Estava na altura de o descobrir. Ajeitou o cabelo ao espelho, pegou na carteira e no casaco, levantou-se e passou pela mesa de Julia com o olhar fixo em frente.

Na mão levava o seu *iPhone* discretamente dirigido para o objecto da sua atenção. Virou para a esquerda e entrou num dos cubículos da casa de banho. Fechou a porta e respirou fundo. Os batimentos

cardíacos tinham disparado e sentiu as pernas fracas. Com as mãos trémulas, abriu a filmagem em vídeo e pô-la a correr. Sorriu ao ver a reacção de Julia. A jovem jornalista arregalara os olhos, dera uma cotovelada na amiga do lado e fizera sinal com a cabeça na direcção de Ingrid. Sentou-se na sanita e urinou, enquanto decidia o que fazer a seguir. Estava fora de casa há duas horas, já eram quase onze da noite, e o mais sensato seria voltar. No entanto, por uma qualquer razão estranha, queria estar perto de Julia. Saiu discretamente da casa de banho e voltou para o bar por outro caminho, mesmo a tempo de ver Julia despedir-se das amigas. Ingrid aguardou alguns segundos, antes de a seguir para o exterior.

Chovia torrencialmente. À porta do restaurante, Ingrid começou a correr para o seu carro, estacionado perto do jardim Humlegården. No momento exacto em que se sentou atrás do volante, ouviu o sinal de mensagem do telemóvel. Ligou a ignição e dirigiu-se para a avenida Birger Jarlsgatan, enquanto lia a mensagem de Tommy.

«Estás em casa?»

Ingrid sorriu. Era evidente que Julia contactara Tommy, que lhe dissera ter acabado de ver a sua mulher num restaurante.

Enquanto conduzia para a avenida Kungsgatan, na direcção da ponte de Centralbron, escreveu a sua resposta.

«Onde havia de estar?»

Ingrid sorriu, pousou o telemóvel no assento do passageiro e concentrou-se na condução. Os limpa-pára-brisas trabalhavam freneticamente sob a chuva torrencial. Com um pouco de sorte, chegaria antes de Julia à porta do seu prédio.

Viktoria Brunberg

Viktoria retirou um par de calças e uma camisola do cesto da roupa suja e enfiou-os num saco. As duas peças estavam amarrotadas e cheiravam a usado, mas dava-lhe jeito ter uma muda de roupa, e não se atrevia a ir remexer no roupeiro do quarto. Foi à despensa buscar duas latas de atum, atirou um abre-latas para dentro do saco e encheu de água uma garrafa de plástico. O dinheiro que encontrara no cofre era o único de que dispunha, pelo que teria de fazê-lo durar o máximo de tempo possível.

Olhou à sua volta na penumbra. Ter-se-ia esquecido de alguma coisa? Pegou nas botas com uma mão para não fazer barulho e dirigiu-se para a porta da garagem. Abriu-a com cuidado, agachou-se e calçou as botas. O ar da garagem sombria estava pesado dos gases de escape e do óleo do motor.

Viktoria avançou às apalpadelas, pôs a chave na porta da carrinha e rodou-a. Atirou o saco para o interior do veículo e sentou-se ao volante. Não tinha carta de condução, mas Yuri ensinara-a a conduzir. Não numa velha carrinha *Renault*, mas num *BMW* de mudanças automáticas. Ainda assim, só tinha de evitar que a polícia a mandasse parar. Pressionou o comando à distância da porta da garagem. Um fino raio de luz da iluminação do pátio exterior foi ficando cada vez maior diante do automóvel. Viktoria preparava-se para ligar o motor quando se apercebeu de um movimento súbito atrás de si.

A porta interior da garagem abriu-se. Malte. Só podia ser Malte.

— Mas que raio...? — ouviu-o gritar.

Viktoria atrapalhou-se com a chave, conseguiu finalmente inseri-la na ignição e rodou-a. O motor deu sinais de vida no mesmo instante em que Malte abriu bruscamente a porta do lado do condutor.

Ingrid Steen

Continuava a chover torrencialmente. A zona de Bergsunds Strand estava praticamente deserta. Ingrid estacionara em segunda fila a cerca de vinte e cinco metros da porta do prédio de Julia Wallberg, mas a jovem jornalista ainda não chegara a casa.

Ter-se-ia enganado? Talvez a sua noite ainda não tivesse acabado, talvez tivesse saído do restaurante e ido para outro sítio. Ingrid recordou-se de como, na sua juventude, muitas manhãs, chegara à redacção vinda directamente de uma saída nocturna.

Os seus pensamentos foram interrompidos por um homem a descer a rua, a segurar um enorme guarda-chuva vermelho que lhe escondia o rosto. Por alguns instantes, Ingrid convenceu-se de que era Tommy, mas o homem passou pela porta do prédio e pelo seu carro e continuou na direcção de Långholmen.

Ingrid ligou o motor do carro, desligou as luzes para não atrair as atenções e aumentou a temperatura do ar-condicionado. Soprou ar quente para as mãos geladas. O que faria quando Julia aparecesse? E se não estivesse sozinha? Se chegasse acompanhada por Tommy? Sairia do carro para os confrontar? Gritaria, choraria? Amaldiçoaria a traição e as mentiras de Tommy?

De Hornstull, viu um casal a aproximar-se, abraçado debaixo de um grande guarda-chuva. Eram Tommy e Julia. Ingrid olhou-os fixamente. As suas mãos apertaram com força o volante. Cada vez mais ofegante, Ingrid destravou o carro, engatou a primeira e acelerou direita a eles.

À sua volta, as fachadas dos prédios passavam a toda a velocidade.

Tommy e Julia atravessaram a passadeira, sem reparar no carro que se precipitava para eles com as luzes apagadas.

Viktoria Brunberg

Malte atirou o seu corpo amorfo para cima dela e tentou alcançar a chave na ignição, enquanto Viktoria pisava o acelerador com toda a força, sem que o carro se movesse. Ambos perceberam ao mesmo tempo que o problema era o travão de mão ainda estar accionado.

Malte foi mais rápido. Com um grito, imobilizou-o e deu com o punho cerrado no peito de Viktoria. Ela berrou e tentou mordê-lo nas costas. Por fim, Malte conseguiu agarrar na chave, rodou-a e desligou o motor. Depois de sair do compartimento com dificuldade, dobrado sobre si mesmo com as mãos apoiadas nos joelhos, arquejou até recuperar o fôlego. Viktoria apoiou a cabeça no volante. Estivera tão perto! Tão incrivelmente perto! Alguns segundos depois, reparou como ele a observava cheio de ódio.

— Pensei que um ladrão tinha conseguido entrar na garagem — disse-lhe ainda com a respiração ofegante. Viktoria não respondeu. — Estavas a pensar deixar-me assim, sem mais nem menos?

Viktoria olhou-o com desprezo.

— Eu não quero estar aqui, não percebes isso? Quero o divórcio, quero voltar para casa!

Por breves segundos, Malte pareceu surpreendido, como se, de repente, fosse pegar-lhe na mão, acariciá-la e dizer-lhe: «eu compreendo». Todavia, a sua expressão perplexa depressa se transformou em raiva. Endireitou as costas, deu um passo em frente e agarrou Viktoria pelo braço, com a intenção de a arrastar para fora do carro.

— Sua puta de merda mimada! — gritou-lhe e atirou-a contra a porta traseira. — Pensavas que fugias? Deixar-me, depois de tudo o que fiz por ti?

Olhou-a fixamente, antes de avançar e pressionar o antebraço

contra o seu pescoço. Viktoria respirou com esforço.

— Larga-me, por favor, larga-me! — sibilou.

Sentiu a cabeça a andar à roda, viu pontos de luz vermelhos a dançar no seu campo visual. Viktoria apercebeu-se de que ia morrer.

— Fui demasiado bondoso contigo — disse Malte a olhá-la nos olhos.

Viktoria tentou responder, pedir-lhe desculpa, mas não conseguiu pronunciar qualquer palavra. Da sua boca, saíam apenas alguns gorgolejos, e, no instante seguinte, perdeu a consciência.

Ingrid Steen

A ideia era abalroá-los. Seriam atirados para cima do capô do carro e morreriam. Ingrid continuaria simplesmente a conduzir, viraria à direita na ponte para seguir para Liljeholmen e desapareceria na noite. Pareceria um trágico acidente de atropelamento e fuga. Um condutor alcoolizado, que, de forma absolutamente casual, acabara com as vidas do editor-chefe do *Aftonpressen* e de uma jovem estrela em ascensão da estação de televisão do jornal. Enquanto o carro se precipitava para Tommy e Julia, Ingrid conseguia imaginar-se na igreja, vestida de preto e com um véu a cobrir-lhe a cara, a receber dignamente as condolências.

O velocímetro marcava setenta e três quilómetros por hora, estava a uns vinte metros de distância.

Tommy levantou os olhos e ficou petrificado. A boca de Julia esboçou um grito.

Naquele mesmo instante, Ingrid apercebeu-se do seu erro. O GPS. Quantos *podcasts* sobre crimes não tinha já ouvido, em que o álibi do assassino ou dos assassinos era deitado por terra devido àquela tecnologia? Mesmo que Ingrid limpasse meticulosamente o carro até não haver qualquer vestígio de sangue e dissesse à polícia que tinha estado em casa, os investigadores não se poupariam a esforços, nem deixariam nenhuma pedra por levantar, sobretudo quando descobrissem que Tommy estava com a sua amante. Ingrid seria condenada a uma pena de prisão. No último segundo, virou o volante para a direita.

O carro derrapou e passou a escassos centímetros do corpo de Tommy. Ingrid endireitou o veículo, as rodas aderiram novamente ao asfalto gelado e escorregadio e acelerou. Pelo espelho retrovisor, viu Tommy e Julia segui-la com o olhar.

Agora, ele sabia que ela estava a par da sua traição.

Como reagiria?

O semáforo estava vermelho, mas não havia nenhum outro carro nas imediações. Ingrid virou à direita e dirigiu-se para a ponte de Liljeholm. Perguntou-se se devia telefonar a Tommy ou se devia esperar para lhe falar pessoalmente. Se ficaria em casa de Julia para se acalmar e planear o passo seguinte. E ela, o que faria?

Devia divorciar-se? Procurar emprego como jornalista? A evolução da digitalização nos últimos anos não a tornava particularmente atractiva no mercado de trabalho. Nem sequer tinha uma conta no *Twitter*. Não obstante, Ingrid precisava de se sustentar. O acordo pré-nupcial era claro como a água nesse ponto: não receberia um tostão de Tommy, se pedisse o divórcio. O que faria Tommy? Deixá-la-ia? Construiria uma nova família com Julia? Ela era muito jovem, de certeza que queria ter filhos. Ingrid ultrapassou um camião sem ligar o pisca e retomou a faixa da direita. Não, o divórcio não era uma opção. Por mais voltas que desse à questão, chegava sempre à mesma conclusão: Tommy tinha de morrer. Pela sua traição e para que ela e Lovisa não tivessem de sofrer a vergonha de ficar a definhar num apartamento qualquer arrendado nos subúrbios.

Birgitta Nilsson

No sótão, estava a casa de bonecas com que Birgitta brincara em criança e que planeara oferecer à filha que nunca chegara a ter. Quando os gémeos eram pequenos, ela ainda fora buscá-la ao sótão para que eles pudessem brincar com ela, mas, quando nesse dia Jacob chegara do trabalho, ficara furioso.

— Mas que raio, estás a tentar que eles saiam uns mariconsos?
— gritara-lhe, antes de dar um pontapé na casinha de bonecas.

Birgitta tivera de se apressar a levá-la de novo para o sótão, caso contrário, Jacob teria transformado o brinquedo em lenha. Jacob, todavia, levara os rapazes para o jardim, cada um com um *stick* de hóquei na mão.

Com as pontas dos dedos, Birgitta acariciou o telhado da casa em miniatura. Quando se tornara claro que não teria nenhuma filha, decidira guardá-la para dar às netas, mas agora parecia-lhe improvável restar-lhe tempo para ser avó. Era uma pena, estava convencida de que teria sido uma boa avó, pelo menos, melhor do que fora mãe.

Birgitta acariciou uma última vez a casa de bonecas, antes de descer as escadas do sótão com passos cuidadosos. Não deixara de ser mãe, a responsabilidade que tinha sobre os rapazes ainda não terminara. Cabia-lhe garantir que eles tinham uma boa vida, mesmo depois da sua partida. Sem as pensões mensais de Jacob, eles não sobreviveriam. E agora a verdade era que estava a ficar cada vez mais difícil sustentá-los. A empresa de contabilidade de Jacob, que, para o exterior, mantinha a aparência de muito sucesso e prestígio, na verdade estava à beira da ruína. Birgitta sabia que Jacob «pedira empréstimos» a alguns clientes, para investir em diferentes projectos, que no final não tinham tido os resultados esperados. Era apenas uma questão de tempo até tudo isso ser

descoberto. Nessa altura, Jacob teria problemas sérios, provavelmente, acabaria preso. Birgitta poderia sobreviver se mudasse de casa, se fosse viver para um apartamento, se cortasse nas despesas e, dessa forma, também poderia ter de continuar a dar duas mil coroas aos rapazes todos os meses. Mas agora tudo tinha mudado. Ela estava a morrer e Jacob estava prestes a ser preso. Pobres rapazes!

Uma possível solução teria sido passarem todos os bens, móveis e imóveis, para o nome de Birgitta, ou para os rapazes, e, dessa forma, protegerem o património familiar, mas Jacob recusara-se a fazê-lo. Agora, cabia a Birgitta encontrar uma solução o mais rapidamente possível.

Apanhou o autocarro para a escola, desceu para a biblioteca e ligou um dos computadores. Entrou no sistema como utilizadora anónima e abriu o motor de busca do Google.

Viktoria Brunberg

O espaço da cave estava completamente às escuras.

Quando tentou falar, a única coisa que se ouviu foi a sua respiração difícil e rouca. Doía-lhe a garganta e sentia-a inflamada, como quando em criança tinha anginas. Até a chorar tinha dores.

Na noite anterior, quando Malte lhe apertara o pescoço, acreditara que ia morrer.

Antes de perder os sentidos, perguntara-se quantas mulheres ao longo da história teriam acabado as suas vidas precisamente com aquela imagem: o homem com quem se tinham casado, com o rosto desfigurado pela raiva, a espremer os últimos restos de vida dos seus corpos.

Quando voltara a acordar, no chão frio de pedra da garagem, respirara fundo o ar saturado de gasolina e ficara deitada durante duas horas, antes de, sobre as pernas trémulas, se levantar e entrar aos tropeções em casa.

Malte não lhe dirigira a palavra, nem tinha ido ver como ela se encontrava. Viktoria tinha a certeza de que ele tinha ficado a dormir no sofá, depois de se embriagar, ver jogos de futebol e filmes pornográficos. Prometera a si mesma que não seria mais uma naquelas listas de mulheres assassinadas. Malte nunca teria outra oportunidade de acabar com a sua vida. Nunca nenhum homem a teria. Porém, precisava de ajuda. E ocorrera-lhe como havia de a procurar.

Ingrid Steen

Passaram três dias até Tommy voltar para casa. Até esse instante, Ingrid dedicara todo o seu tempo a aperfeiçoar o plano que urdira aos poucos.

Quando ouviu a porta da entrada abrir-se, manteve-se calmamente sentada à mesa da cozinha. Tommy espreitou para o seu interior, olhou para ela e entrou devagar na divisão.

«Mantém-te calma», pensou Ingrid. «Tudo vai depender da calma que mantiveres».

Tommy puxou uma cadeira para fora da mesa. Com o cuidado de sempre, levantou os pés alguns centímetros do chão, para que não fizessem barulho desnecessário. Sentou-se e fitou Ingrid. Ela aguardou alguns segundos. Prometera amá-lo na riqueza e na pobreza, até que a morte os separasse, e essa era uma promessa que pretendia cumprir.

Tommy clareou a garganta.

— Há quanto tempo sabes? — perguntou-lhe.

— Há umas semanas — respondeu Ingrid, em voz baixa.

— Porque... porque não disseste nada?

— O que querias tu que dissesse, Tommy?

— Não sei, qualquer coisa. Em vez disso, tentaste... matar-me — disse com uma expressão incrédula.

— Não queria matar-te. Nem a ela. Só estava muito triste, muito zangada.

— E agora?

— Agora estou sobretudo triste. — Com uma unha, Ingrid começou a retirar do tampo da mesa qualquer coisa quase invisível.

— Vais deixar-me?

Tommy estendeu o braço, pousou uma mão quente e enorme sobre a dela. Pequenas ilhas de pêlos cresciam-lhe acima dos nós

dos dedos. Quando eram mais jovens, Ingrid ajudava-o a depilá-los com cera.

— Não sei como podemos ultrapassar isto.

Ingrid apertou-lhe a mão.

— A Lovisa precisa de ti, *nós* precisamos de ti — disse-lhe, fazendo um esforço para se manter firme. — Não nos podes deixar agora. Fica com ela, mas fá-lo com discrição. Eu percebo que não tem sido fácil viver comigo.

Tommy ficou a olhá-la sem compreender.

— Estás a falar da Ju... não te importas?

Ingrid assentiu com a cabeça.

— Posso aceitá-lo, se é isso o que queres e de que precisas. Mas tens de ser discreto, para que ninguém o saiba. Posso viver assim, se isso significar que não nos abandonas.

Tommy teve dificuldade em esconder que se sentia como se tivesse acabado de ganhar o primeiro prémio da lotaria.

«Pobre coitado», pensou Ingrid. «Pobre ser, insignificante e patético.»

SEGUNDA PARTE
Três semanas depois



Ingrid Steen

Ingrid estacionou o carro num lugar para cargas e descargas, à porta do enorme edifício comercial Garnisonen. Virou-se para trás e viu que Lovisa estava completamente absorta a olhar para o ecrã do seu *iPad*.

— A mãe vem já — disse-lhe.

Abriu a porta do carro e verificou que não havia polícias por perto. Um grupo de crianças de uma escola das imediações, todas vestidas com coletes reflectores amarelos, passou por ela. Ingrid abriu a porta da estação dos correios e deixou passar uma senhora idosa, enquanto estudava o tecto do vestíbulo. Não tinha câmaras, pelo que conseguia ver. Na verdade, não fazia muita diferença, só ali estava para ir buscar um sobrescrito a uma caixa postal. O apartado número 1905. Memorizara o número sem qualquer problema, pois correspondia ao ano em que a Noruega declarara a sua independência da Suécia. Virou para a direita e deteve-se perante a longa fila de caixas metálicas. Ingrid estava prestes a descalçar as luvas de pele, mas deteve-se. Quando localizou a caixa correcta, retirou a chave da carteira, introduziu-a na fechadura e rodou-a. Havia dois sobrescritos lá dentro. Ingrid retirou ambos do seu interior, mas voltou a guardar o que dizia «Três» com uma caligrafia antiquada. Ingrid era o número dois, exactamente como no mês anterior.

Perguntou-se quem seriam as outras duas mulheres. Tinham-se conhecido num fórum da Internet, onde se queixavam das suas vidas e procuravam ajuda. Depois, tinham passado para um *chat* encriptado que Ingrid conhecia, porque era usado por muitos jornalistas. E fora aí que haviam começado a urdir o seu plano.

Mas o melhor era não pensar muito no assunto. Como ela, as

outras duas também teriam decerto os seus motivos. Quanto menos soubessem umas das outras, mais seguro tudo seria.

Nos últimos tempos, Tommy dormira fora de casa duas ou três noites por semana. Ingrid perguntou-se que explicação teria ele dado a Julia sobre aquele arranjo. A jovem apresentadora devia pensar que Ingrid estava completamente desesperada, para permitir que o marido mantivesse uma relação extraconjugal. Talvez se rissem os dois dela. Isso não lhe importava nada.

Guardou o sobrescrito na carteira, fechou a porta do apartado e saiu da pequena estação dos correios. Lovisa limitou-se a levantar os olhos quando Ingrid abriu a porta e se sentou de novo ao volante.

— Agora, vamos para casa, meu amor.

— O pai vem para casa, esta noite?

Ingrid abanou a cabeça.

— Não, hoje não. Mas prometeu que amanhã virá directamente do trabalho.

Birgitta Nilsson

Estava um tempo horrível: a temperatura descera quase aos zero graus centígrados e as estradas estavam muito escorregadias. No porta-bagagens do carro alugado, trazia um cabo metálico com cinco metros de comprimento e uma lata de *spray* de tinta preta. Além disso, também tinha comprado uma caixa de ferramentas básicas, que incluía uma chave de fendas e um martelo. Ainda assim, Birgitta sentia-se como se andasse a conduzir com uma bomba no carro, ou com alguns quilos de droga. Apesar de ter tido o cuidado de se manter sempre dentro dos limites de velocidade em todo o trajecto desde Estocolmo, não tinha conseguido deixar de olhar para o espelho retrovisor a cada três segundos à espera de ver as luzes azuis da polícia.

A carta, que Birgitta queimara depois de ler algumas vezes, estava escrita num sueco macarrónico, o mesmo de que se revestiam os primeiros gritos desesperados com que se deparara, por um acaso, no fórum da Internet «Vida em Família».

Era verdade que ia matar um homem, mas, ao mesmo tempo, libertaria uma mulher. O saldo das suas acções acabaria por ser positivo. E quando o tivesse feito, alguém a libertaria a ela. Concentrou-se em desfrutar da sensação de liberdade. Era tão agradável conduzir um automóvel sem ter ninguém a criticar a sua condução. Jacob só a deixava pegar no carro quando estava demasiado cansado. No princípio, até se opusera à ideia de ela tirar a carta.

Vinte minutos depois, passou por uma bomba de gasolina, parou num cruzamento e viu uma placa onde se lia Heby. À direita, havia um supermercado da cadeia Ica.

«Virar à direita depois do Ica», repetiu para si própria, ao perscrutar a penumbra.

Conseguiu ver o caminho que devia seguir, ligou o pisca, deixou a pequena localidade para trás e viu-se logo rodeada por um bosque escuro. A estrada era estreita. Ao cruzar-se com o primeiro veículo, perguntou-se se haveria espaço suficiente para os dois, e, de facto, quase roçaram um no outro. Quinze quilómetros mais adiante, devia aparecer uma tabuleta com a indicação.

Esperava que a mulher que ia resgatar tivesse feito a sua parte, de contrário, outra pessoa poderia ficar ferida. Um inocente. Birgitta não sabia o que fazer, se isso acontecesse. Sentiu as palmas das mãos húmidas e limpou-as nas pernas das calças. O relógio marcava 16:37 h. Acelerou o máximo que conseguiu naquele piso tão escorregadio. Era melhor chegar com antecedência do que atrasada. Só esperava que fosse fácil encontrar o lugar e que as instruções da desconhecida tivessem sido correctas.

Viktoría Brunberg

Viktoría não parava de andar de um lado para o outro na cozinha. Ansiava por um cigarro, mas já os fumara todos. Revira o seu plano centenas de vezes. As coisas podiam correr mal, terrivelmente mal, mas tinha de arriscar. Queria que Malte morresse sem que ela acabasse a passar os próximos anos na prisão; essa era a sua única saída.

Tinha feito a sua parte, agora, o resto dependia da outra pessoa, que já devia estar nas imediações. As árvores estavam discretamente marcadas. O carro estava inutilizado na garagem e, a qualquer momento, Malte teria de pôr o capacete para sair de mota. Viktoría estava confiante de que Malte faria como sempre quando andava de mota e tomasse o atalho do bosque. Só esperava que não comesse a chover. Ouvira os seus palavrões irados a virem da garagem. Quando ele entrara disparado em casa, ela ficara com a sensação de que ele a olhara desconfiado. Mas era imaginação sua. Sabia que Malte não a considerava capaz de lhe inutilizar o carro. Porém, um pouco de açúcar no depósito de gasolina bastava, como a sua mãe lhe ensinara quando aquele imbecil da sua turma, Aleksandr, a apalpara numa festa da escola, no início da adolescência. A motorizada azul, da qual ele tanto se orgulhava, nunca mais voltaria a funcionar.

Birgitta Nilsson

No bosque, ouvia-se as árvores ranger com o vento. A escuridão era densa. Com a ajuda da lanterna do telemóvel, Birgitta encontrou um lenço vermelho atado a um tronco. Olhou em volta, foi buscar o saco ao porta-bagagens e agitou a lata de tinta. Estava prestes a aplicar a tinta ao cabo metálico quando se apercebeu de que estava demasiado perto do carro.

«Não pode haver nenhum vestígio», pensou. Então, fechou a porta e afastou-se um pouco. O trabalho com a tinta em *spray* foi rápido. Os vapores deixaram-na um pouco tonta e provocaram-lhe um risinho pateta. Apesar disso, ao terminar, apontou a luz da lanterna para o cabo metálico e ficou satisfeita por já não reflectir a luz.

— Ótimo! — murmurou.

Olhou para o relógio de pulso; faltavam poucos minutos para o homem aparecer. Birgitta planeara esperar o máximo de tempo possível, para se certificar de que mais ninguém ficaria ferido. Por outro lado, percebeu que seria muito pouco provável que outra pessoa aparecesse por ali num veículo. Ninguém no seu perfeito juízo sairia de livre vontade de mota, com o tempo que fazia.

Birgitta esticou o cabo, deu-lhe um puxão para testar a sua flexibilidade e voltou para o carro para sair dali quanto antes.

Levantou o puxador da porta. Estava trancada. Remexeu nos bolsos. Nada. Não tinha as chaves consigo.

— Não, por favor, não. Tudo menos isto — disse, ofegante.

Viktoría Brunberg

Viktoría voltou a rever mentalmente todos os pontos da lista e comprovou mais uma vez que não se esquecera de nada. Desde que a sua salvadora desconhecida cumprisse a sua parte e Malte se comportasse de modo tão previsível como de costume, podia estar certa de que nunca mais teria de o ver.

Pegou nos ingredientes necessários para cozinhar as almôndegas com o puré de batata e foi para junto do fogão. Quando vivera na Rússia, sonhara ser actriz. De facto, chegara a trabalhar com um grupo de teatro, mas desistira antes da estreia da sua primeira peça, quando se tornara claro que não ficaria com o papel principal.

Agora, dali a algumas horas, os seus dotes de representação seriam verdadeiramente postos à prova. Depois, seria livre.

Birgitta Nilsson

Birgitta sentiu o pânico tomar conta dela. Onde poderia ter deixado cair as chaves? Virou-se e, à pressa, fez o percurso inverso que a trouxera até ali, com a lanterna apontada para o chão.

— Por favor, por favor — murmurou.

Seria possível cancelar todo o plano? Remover o cabo, voltar para casa e esquecer tudo? As outras mulheres não sabiam quem ela era, nunca seriam capazes de a encontrar. Contudo, isso também significava que não se livraria de Jacob. O que aconteceria aos gémeos quando ela estivesse numa campa a apodrecer? Eles não eram suficientemente fortes, não estavam preparados para a dureza da vida.

Birgitta voltou para o carro e dirigiu a lanterna para o seu interior. As chaves tinham de ter ficado lá dentro. Olhou em volta, em busca de uma pedra, usando a lanterna para iluminar a berma do caminho. Ei-la! Apanhou uma pedra e tomou-lhe o peso antes de fazer pontaria. Puxou o braço para trás e, com todas as suas forças, atirou a pedra contra a janela do lado do passageiro. O vidro explodiu numa chuva de estilhaços.

Ficou a olhar para o buraco negro que acabara de abrir com a pedrada.

No momento seguinte, ouviu o ruído do motor de um veículo a aproximar-se.

Virou-se para trás. Na estrada principal, viu um farol solitário a avançar, antes de virar para o caminho onde se encontrava.

Lançou um último olhar desesperado para o carro que alugara, antes de saltar por cima da vala e entrar no bosque. O barulho do motor tornou-se cada vez mais audível. Birgitta escondeu-se atrás de uma rocha, com a respiração pesada, e viu o caminho à sua

frente iluminar-se. Não conseguia ver o cabo, mas o veículo aproximava-se das duas árvores.

Faltavam apenas alguns metros para o alcançar, e Birgitta fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, viu a motorizada desaparecer no bosque e ouviu-a embater numa árvore e desligar-se. Esticou o pescoço, para perceber o que acontecera ao motociclista. Estaria vivo? O bosque estava silencioso, os seus passos ecoavam, ao aproximar-se.

O cabo metálico soltara-se de uma das árvores.

Seguiu o rasto dos pneus da mota, antes de se desviarem para o bosque.

O homem estava caído em frente a uma árvore, com o corpo, as pernas e os braços retorcidos em ângulos antinaturais, como se fosse um boneco desenhado por uma criança de tenra idade.

— Meu Deus — murmurou Birgitta. — Meu Deus.

Aproximou-se lentamente do corpo, e, com a mão trémula, procurou o telemóvel. Encontrou-o, atrapalhou-se a tentar ligar a lanterna e acabou por desistir. Iluminou o acidentado com a luz ténue do ecrã do telemóvel.

Um pequeno movimento do braço fê-la perceber que ainda estava vivo. Um fio de sangue escorria-lhe do rebordo do capacete e manchava-lhe a camisola. Birgitta dirigiu a luz mais para baixo e deixou escapar um grito ao ver que um enorme galho de árvore lhe trespassara o peito. Tapou a boca com a mão para não gritar. Tinha de sair dali imediatamente.

Cerca de vinte minutos depois, Birgitta estava à beira de um ataque de pânico. Conseguira acender a lanterna e, com a luz dirigida para a sua frente, procurara as chaves em todo o interior do carro. Agora, via-se obrigada a admitir que não estavam ali. Então, deitou-se no chão de barriga para baixo e apontou a luz para debaixo do carro. E se se fosse embora a pé? Impossível. A empresa de aluguer de automóveis tinha o seu nome, a polícia havia de lhe perguntar por que motivo abandonara o local do

acidente. Podia dizer que perdera o telemóvel e fora a pé à procura de ajuda. Não, era rebuscado, demasiado rebuscado. Provavelmente, conseguiriam comprovar que o telemóvel se encontrava naquela zona, ligado. No entanto, também não podia ficar ali até a polícia chegar. Ou seria exactamente isso que devia fazer? Olhou para o carro e tentou organizar os pensamentos. Se fosse apanhada perto do local do acidente sem ter chamado a polícia, pareceria suspeito. Reflectiu por mais alguns momentos, antes de marcar o 112 no telemóvel. Parou junto aos pés do acidentado, baixou-se, esticou o braço e levantou a viseira do capacete. Tinha os olhos vítreos e sem vida. Ouviu um ruído no auscultador a indicar que tinha sido estabelecida a comunicação.

— Ajudem-me! — gemeu. — Ajudem-me, está aqui um homem morto.

Atendeu-lhe uma voz feminina calma e competente que lhe perguntou:

— O que aconteceu?

— Um acidente, um acidente horrível.

Viktoría Brunberg

Viktoría aproximou-se da janela aberta e escutou. Silêncio. Observou o contorno do bosque, para lá dos campos, mas não viu nenhum movimento. Olhou para o relógio. Malte estava morto. Tinha de estar morto. Durante alguns segundos, sentiu um certo pânico, mas forçou-se a manter a calma. As almôndegas tinham começado a pegar-se ao fundo da panela. O cheiro do cozinhado picou-lhe no nariz e levou-a a reagir. Era importante que tudo parecesse normal. Deixou a janela aberta e voltou para o fogão. Agarrou nas pegas da panela e agitou-a algumas vezes. A polícia viria ali, mais cedo ou mais tarde. Nessa altura, teria de fazer o papel da mulher preocupada e atenciosa. Como reagia uma pessoa quando lhe diziam que o seu amor tinha morrido? Ela, melhor do que ninguém, devia saber. Porém, não fazia a mínima ideia, não conseguia recordar-se das horas seguintes ao assassinato de Yuri.

Teria falado com alguém? Chorado? Gritado? A única coisa que conservava na memória eram algumas imagens difusas de quando se atirara sobre o corpo de Yuri, de ver o sangue jorrar dos buracos das balas no peito, de ficar a agarrar a sua cabeça, enquanto a vida dele se esvaía. À sua volta, as pessoas tinham gritado em pânico, puxavam-se e empurravam-se umas às outras para fugirem dali. Lembrava-se do olhar fixo de Yuri no tecto. Mas como estivera ela? Viktoría não sabia.

Retirou a tampa da panela e o vapor que saiu do seu interior queimou-lhe o pulso. As batatas de Malte estavam prontas, mas ele nunca mais voltaria a comer. Viktoría não fizera nada de errado, era uma boa esposa que estava em casa, à espera do marido, com o seu prato preferido pronto. No instante seguinte, ouviu as sirenes e correu para a janela. No bosque giravam as luzes azuis dos carros-patrolha.

Birgitta Nilsson

Birgitta foi esperar as autoridades junto à estrada principal. Quando o carro da polícia se aproximou, de acordo com o seu relógio, exactamente treze minutos depois de ter ligado para o 112, começou a acenar freneticamente. O barulho estridente das sirenes cessou. Dois agentes com ar sério, um homem e uma mulher, olharam-na com uma expressão grave. O homem ia ao volante. A mulher abriu a janela para falar com ela. Birgitta apontou para o interior do bosque.

— Ali dentro. Ele está ali dentro. E é horrível!

— Tem de vir connosco e mostrar-nos o local — disse o polícia, com autoridade.

Birgitta assentiu com a cabeça. O coração disparara-lhe no peito. Abriu a porta traseira do carro da polícia e sentou-se. Disse-lhes para saírem da estrada principal e virarem para o caminho do bosque.

— Graças a Deus que chegaram! Não sabia o que havia de fazer. Acho que está morto. É mesmo terrível. Coitado do homem, pobre coitado!

Os agentes continuaram solenes, em silêncio. A mulher polícia virou-se para trás e observou Birgitta. A sua expressão era difícil de interpretar. Desconfiariam dela? Pediu-lhes para pararem alguns metros antes do local onde prendera o cabo metálico e saíram do carro. O motor ficou ligado, as luzes iluminavam o bosque. O olhar da mulher polícia fixou-se no carro alugado.

— Aquele carro é seu?

— Sim. É o meu carro. Eu...

— Não há problema, mostre-nos o local.

Birgitta avançou à frente deles, para o interior do bosque.

— Ele está ali, pobre coitado. Não percebo o que poderá ter

acontecido.

Os agentes aproximaram-se do homem acidentado e trocaram algumas palavras em voz baixa. A mulher colocou a mão no próprio ombro e disse qualquer coisa para o rádio. Birgitta olhou à sua volta para a escuridão. Estava nervosa e sentia que corria perigo. O bosque parecia-lhe ameaçador. Era culpada de um homicídio e acabara de mentir a dois polícias. Todavia, aos olhos desses dois agentes, não passava de uma professora primária preocupada, de uma testemunha accidental que cumprira o seu dever cívico de telefonar para a polícia.

— Pode regressar para junto do seu carro.

Era novamente a mulher polícia que lhe dirigia a palavra.

— Posso ir-me embora?

— Não, antes disso, precisamos de recolher as suas declarações. Já lá vou ter consigo.

Enquanto esperava, tentou novamente encontrar as chaves do carro, mas em vão. A bateria do telemóvel já estava no vermelho, não duraria muito mais. Jacob devia estar a perguntar-se onde andaria ela. Dentro de dez minutos, o jantar tinha de estar pronto. Tinha de inventar uma boa desculpa. Como se isso a ajudasse nalguma coisa.

Abriu a porta de trás do carro da polícia e sentou-se, deixando os pés do lado de fora do veículo, apoiados na gravilha.

Pouco depois, a mulher polícia veio ter com ela, seguida do colega. Birgitta inclinou-se para a frente e pousou a cabeça sobre as mãos. Os polícias pararam diante dela.

— Sente-se bem? — perguntou-lhe o homem.

Birgitta simpatizou mais com ele. Parecia-lhe mais amável, menos desconfiado do que o colega.

Birgitta assentiu com a cabeça e, com alguma teatralidade, engoliu em seco várias vezes.

— Como se chama? — perguntou o polícia, baixando-se à frente dela.

— Birgitta. Birgitta Nilsson.

— O seu carro. Não tem matrículas e um dos vidros está partido.

— Eu sei — sussurrou Birgitta em resposta.

— O que aconteceu?

— Fui assaltada hoje de manhã, na zona de Sala.

Levantou a cabeça e viu a mulher polícia dirigir a sua lanterna para a árvore onde Birgitta prendera o cabo metálico.

— Thomas, vem cá ver isto — disse, enquanto se dirigia para a árvore. — Um cabo. Uma merda de um cabo!

O agente levantou-se, pegou num par de luvas e calçou-as. Inclinar-se ambos para diante e analisaram o cabo metálico, antes de regressarem para junto de Birgitta, que fez um esforço para parecer confusa com a novidade.

— Então, não foi nenhum acidente? — murmurou. — É isso o que estão a dizer?

Os polícias trocaram olhares, antes de a mulher responder.

— Ainda não sabemos. O que é que lhe roubaram?

— Quem?

— Bem, no assalto ao seu carro.

— A minha carteira e as placas de matrícula.

O polícia aproximou-se do carro alugado e apontou a lanterna para o interior. A luz dançou à volta dos assentos antes de ele regressar. Birgitta tentou ler a sua expressão facial. Haveria algo de errado? Desconfiariam dela?

O homem clareou a garganta.

— Reportou o assalto à polícia?

Birgitta negou com a cabeça e esforçou-se por parecer abatida. Não era difícil.

— Não, ainda não. Ia fazer isso esta noite, assim que chegasse a casa.

— Vive aqui nesta zona?

— Não, em Estocolmo. Fui a Sala visitar a minha irmã, Gunilla, que está doente. Está internada no hospital, e foi lá que me partiram o vidro do carro. E só queria voltar para casa.

A expressão do polícia suavizou-se um pouco e pousou uma mão no ombro de Birgitta. Ela levantou a cabeça e sorriu-lhe.

— Então, o que está aqui a fazer, se regressava a Estocolmo?

— Enganei-me no caminho.

— Em mais de vinte quilómetros?

— Nunca tive grande sentido de orientação, estou sempre a perder-me. Queria ir a Heby, para comprar qualquer coisa para comer, mas passei a saída e depois não me atrevi a fazer inversão de marcha neste caminho tão estreito. Meti-me aqui neste bosque para tentar virar e foi então que aconteceu.

Ouviram-se uns estrépitos no rádio e os dois colegas levantaram uma mão, num gesto que parecia sincronizado. Escutaram. Birgitta limpou as mãos suadas às calças.

— Então, quer dizer que viu o acidente?

— Não vi, mas ouvi um estrondo tenebroso. Fiquei cheia de medo, mas pensei que alguém podia ter-se magoado, e, então, saí do carro e foi aí que o encontrei.

— Tem alguma identificação? — perguntou a agente.

No seu tom de voz, havia uma certa desconfiança, pelo que Birgitta negou com a cabeça, enquanto se perguntava se chegara o momento de se esforçar por produzir algumas lágrimas.

— Estava tudo na carteira que me roubaram — respondeu em tom pesaroso. — Só quero voltar para casa, para o meu marido. Mas que dia este, que dia terrível! Não sei como vou ser capaz de dar aulas aos meus queridos meninos amanhã. Talvez devesse pedir um dia de baixa médica. Sou professora, sabem?

— Mas tem...

O agente pousou uma mão no antebraço da colega.

— Dê-nos licença alguns minutos.

Afastaram-se um pouco. Birgitta não conseguia ouvir o que diziam, mas pareciam estar em desacordo. Lançou um olhar ao carro alugado. As chapas de matrícula estavam presas à parte de baixo do porta-bagagens do automóvel. Não se atrevera a atirá-las para o bosque pelo risco de serem encontradas quando amanhecesse. A sua carteira e a lata de tinta estavam escondidas debaixo do assento da frente. Se lhe revistassem o interior do carro, perceberiam de imediato que fora ela quem colocara o cabo metálico pintado entre as árvores. Os polícias aproximaram-se de novo. O homem bateu com o pé nalguma coisa, inclinou-se para a frente e pegou num objecto com o polegar e o indicador.

Estavam demasiado longe para que Birgitta conseguisse discernir

do que se tratava.

— Estas devem ser suas — disse o homem a caminhar para ela.

Birgitta sentiu-se nauseada. O que teriam eles encontrado? Semicerrou os olhos para tentar ver melhor. Algo brilhava na mão dele. As chaves do carro!

— Tenho de... oh, meu Deus! Obrigada, senhor agente, devo tê-las deixado cair quando fui ter com os senhores.

Ele entregou-lhe as chaves.

— Só precisamos que nos deixe o seu nome, número de identificação e um número de telefone, depois, pode ir-se embora — disse-lhe, com um sorriso.

A colega parecia contrariada, observando-os a alguma distância de braços cruzados sobre o peito.

Birgitta deu-lhes o nome e o número de identificação da sua amiga de infância, Lisa. Depois, despediu-se. O agente acompanhou-a até ao carro.

— Consegue ir sozinha para casa agora? — perguntou-lhe, antes de Birgitta fechar a porta.

— Acho que sim, vou tentar. Vou conduzir com cuidado. Obrigada, senhor agente.

Fechou a porta e inseriu a chave na ignição. Ligou o motor e preparou-se para se ir embora. No mesmo instante, porém, bateram no vidro. Birgitta sobressaltou-se e atrapalhou-se a procurar o botão para abrir a janela.

— Não se esqueça de ir reportar o assalto — disse-lhe o polícia.

Viktoria Brunberg

Quando a campainha da porta soou, Viktoria confirmou uma última vez que os preparativos para o jantar estavam em ordem. Limpou as mãos ao avental que estava a utilizar pela primeira vez, expressamente para aquela ocasião.

Abriu a porta e fez um esforço para parecer surpreendida. Os dois polícias olharam-na com uma expressão grave.

— Sim? — interpelou-os num tom inquisitivo.

— Podemos entrar?

Viktoria assentiu com a cabeça e deu um passo para o lado. O polícia fechou a porta atrás de si e apresentou-se como sendo Olof Lönn. Apontou para a sua colega e disse:

— Esta é a minha colega, Lisa Svensson.

Viktoria reparou que ambos olharam por cima do seu ombro, na direcção da cozinha, onde o jantar já estava servido. Olof Lönn descalçou as luvas, mas ficou a segurá-las na mão, hesitante. Viktoria sentiu pena dele.

— Houve um acidente perto daqui. A pessoa envolvida nesse acidente é o seu marido, Malte Brunberg.

Viktoria simulou estar alarmada e cravou os olhos nele. Olof Lönn engoliu em seco e abanou a cabeça.

— Mas ele vai ficar bem, não vai? O Malte vai ficar bem?

— Lamento dizer-lhe que não. Faleceu no local.

— Têm a certeza de que é o Malte?

— Temos, infelizmente, encontrámos a sua carta de condução no local do acidente. E é a sua mota.

— Há problema se... quero dizer... posso ir-me sentar? — perguntou Viktoria, indicando com um gesto a mesa da cozinha.

Enquanto Olof Lönn a segurava por um braço e a levava atenciosamente até uma cadeira, a sua colega encheu um copo de

água e pousou-o à frente dela. Viktoria bebeu alguns goles nervosos.

— Mas o que aconteceu?

Os polícias trocaram um olhar, antes de Olof Lönn voltar a falar.

— Ainda não temos bem a certeza. Sabe se há alguém, talvez um vizinho ou assim, que costume prender cabos nas árvores?

— Cabos?

— Sim, cabos metálicos. Entre os troncos das árvores.

Viktoria levou uma mão à boca.

Depois, explicou-lhes que, umas semanas antes, Malte tinha ido a um armazém de materiais de construção comprar cabo metálico. Tinha ficado muito irritado com os jovens da zona por, às vezes, andarem pelos caminhos do bosque a alta velocidade. Viktoria tentara dissuadi-lo, dizendo que alguém poderia ficar gravemente ferido, que provavelmente aquilo até era ilegal, mas Malte recusara-se a dar-lhe ouvidos.

— O que o levou a sair de casa de mota, esta manhã, com o tempo que fazia? Viktoria levantou a cabeça. Era a primeira vez que a mulher polícia, Lisa Svensson, abria a boca.

— Não sei. Ele adorava aquela mota. Eu estava sempre a dizer-lhe para conduzir com cuidado, principalmente agora, com este frio e gelo, mas o Malte não ligava nenhuma ao que eu dizia.

Uma lágrima tremeluziu no canto do olho de Viktoria.

— Mas se ele prendeu o arame no início desta semana ou ontem, não o devia ter tirado quando foi para o trabalho esta manhã?

Viktoria fingiu reflectir durante alguns instantes.

— A caixa do correio. Fica junto à estrada principal. Malte costumava ir buscar o correio de manhã, a caminho do trabalho. Deve ter-se esquecido do cabo, e, por isso, terá seguido por esse caminho, depois de ir buscar o correio.

Esticou o braço para pegar num guardanapo de papel para enxugar as lágrimas.

Ingrid Steen

Ingrid Steen olhou em volta, inseriu a chave na fechadura da porta do prédio e soltou um suspiro de alívio ao ver que servia. Entrou no vestíbulo e estudou as placas com os apelidos dos moradores. Julia Wallberg vivia no último andar, no quinto. Ingrid suspirou. Não gostava nada de elevadores, mas, não havia forma de o contornar. Tinha mesmo de se apressar. Ultimamente, vira-se forçada a fazer muitas coisas de que não gostava.

Entrou no elevador e carregou no botão do quinto andar. As luvas de Tommy ficavam-lhe enormes, mas sabia que tinha de as manter calçadas. Algumas fibras das luvas ou mesmo um ou outro fio de cabelo encontrados no apartamento de Julia, podiam ser explicados pelo caso extraconjugal. Uma impressão digital sua, porém, não.

O que estava prestes a fazer excedia os seus sonhos mais ousados. Inicialmente, a sua retaliação dirigira-se apenas a Tommy, no entanto, era como se a sua raiva aumentasse a cada dia que passava, e, à medida que a raiva aumentava, os limites da própria imaginação também se expandiam.

Saiu do elevador no quinto piso e constatou que estava tudo em silêncio. Cinco minutos, não demoraria mais do que isso. Ingrid levantou cuidadosamente a tampa da abertura do correio e espreitou para o interior do apartamento. Luzes todas apagadas. Endireitou-se e abriu a porta. Uma combinação estranha de odores picou-lhe no nariz. Por uns segundos, hesitou. Talvez devesse dar meia-volta, ir-se embora, contentar-se com o que era expectável que acontecesse a Tommy.

Ingrid virou-se para deixar o apartamento, mas o movimento fez com que os seus olhos se detivessem no bengaleiro, onde, como se estivesse em casa, estava pendurado um dos casacos de Tommy.

— Meu grande cabrão — murmurou Ingrid.

Voltou para o interior do apartamento, com os saltos a fazerem ranger o soalho antigo. As janelas da sala de estar davam para o molhe. Do outro lado do canal, erguiam-se os edifícios do bairro de Liljeholmen. Fotografias de moda a preto-e-branco adornavam as paredes. Marilyn Monroe parecia ser o tema preferido de Julia. A loira-platinada a sorrir. A loira-platinada a fumar. A loira-platinada a olhar para a objectiva com uma expressão sensual.

— Tão previsível que és, Julia! — murmurou Ingrid. — Que desilusão, Julia. Julguei que fosses muito mais interessante.

Abriu a porta do quarto, onde havia uma cama grande com uma cabeceira ainda maior. Foi imediatamente inundada por imagens do que Tommy e Julia fariam na cama.

Ingrid fechou rapidamente a porta do quarto e regressou à sala de estar. Tinha de encontrar um sítio onde Julia não mexesse com frequência. Avançou até ao móvel do televisor e abriu uma das gavetas. Algumas revistas antigas, uma *box* de televisão por cabo, dois álbuns de fotografias. Resistiu à tentação de os folhear, recordando-se do que viera ali fazer. O móvel do televisor teria de servir. Enfiou a mão na carteira e procurou a pequena bolsa de plástico. Cinco gramas de cocaína, que comprara pela Internet, e pedira para lha fazerem chegar de táxi.

Enfiava o saco no fundo da gaveta, debaixo das revistas, quando se deteve. Virou-se de novo, procurou a casa de banho e entrou. Dentro de um copo, em cima do lavatório, estavam duas escovas de dentes. Agarrou nelas e esfregou as suas cerdas no interior do saco. Não conseguia arranjar impressões digitais, mas muitos vestígios de ADN deviam ser suficientes.

De qualquer forma, o declínio de Julia era apenas um bónus. Podia sempre tratar dela mais tarde, quando Tommy estivesse morto. Pousou o pequeno saco em cima do lavatório, rodou o corpo sobre si mesmo e pegou no piaçaba. Ingrid esfregou cuidadosamente as duas escovas de dentes com ele.

— Para ti não vai haver beijos nenhuns durante algum tempo, Tommy querido — disse em voz alta, antes de voltar a colocar as escovas de dentes no sítio e a regressar à sala de estar.

Quando entrou no metropolitano na estação de Hornstull, enviou

uma mensagem escrita ao marido. «Encontrei as tuas chaves caídas na rampa de acesso à garagem.»

Viktoria Brunberg

O comboio entrou na estação Central. Viktoria Brunberg só estivera em Estocolmo uma vez, com Malte, nos primeiros tempos da relação.

Ao sair do comboio, desfrutou do anonimato que lhe oferecia a multidão. Na cidade, não era uma esposa por correspondência, ali não era ninguém em particular. Apenas mais uma entre milhares de pessoas.

Dispunha de dois dias. Primeiro, tinha de comprar um vestido adequado, porque, de acordo com as instruções que recebera na carta, ia participar num *cocktail* a bordo de um barco. A sua cliente enviara-lhe cinco mil coroas para esse propósito. Não chegaria ao nível das roupas com que Yuri costumara mimá-la, mas Viktoria ansiava por poder voltar a vestir-se bem e a arranjar-se, depois dos anos que tinha passado com Malte. Chegou a uma praça de táxis e virou à esquerda, dirigindo-se à fileira de carros parados.

O céu estava azul-claro e o sol brilhava sem chegar a aquecer.

Um taxista acenou-lhe de imediato, colocou a sua bagagem na mala do carro e abriu-lhe a porta de trás. Viktoria sentou-se no seu interior.

— Para o Grând Hotel, por favor — pediu.

O motorista acenou com a cabeça e pôs-se em marcha.

Sobre o homem que iria matar, Viktoria não sabia praticamente nada, mas a mulher que assinara a sua sentença de morte lá teria as suas razões — tal como no seu caso com Malte. Viktoria fazia parte da lista de convidados da festa, não com o seu nome verdadeiro, mas como Natasha Svanberg. Tinha instruções muito pormenorizadas acerca da maneira de proceder.

Viktoria pegou na pequena fotografia tipo passe do homem, que olhava para a câmara com um sorriso breve. Tinha os olhos claros e

meigos e a mandíbula de linhas bem definidas. A julgar pela aparência, podia não ser má pessoa, mas, melhor do que ninguém, ela sabia que uma fotografia podia perfeitamente esconder a verdadeira natureza de um homem.

Se Viktoria pudesse oferecer a outra mulher a sensação de liberdade que ela própria experimentava desde a morte de Malte, então, seguiria de bom grado as instruções que recebera na carta. O táxi parou em frente a um majestoso edifício, voltado para o canal. Do outro lado, Viktoria reconheceu o palácio real. Pagou o serviço e o taxista abriu o porta-bagagens. Ainda antes de a sua mala tocar no chão, outro homem de uniforme apressou-se a oferecer-se para lhe levar.

— Muito obrigada — disse Viktoria com um sorriso.

— Faça o favor — respondeu o homem, muito formal.

Ingrid Steen

Tommy ressonava ao seu lado. Ingrid pensou que aquela seria a última noite que passariam juntos. Surpreendentemente, não sentia nada, nem remorsos, nem arrependimentos. Dentro dela, havia apenas indiferença. Talvez fosse um condicionalismo biológico: o homem com quem escolhera reproduzir-se, a pessoa que devia protegê-la, a ela e à descendência de ambos, traíra-a e decepcionara-a. Abandonara-as, a ela e a Lovisa.

No dia seguinte, morreria às mãos de uma desconhecida. Porém, não era só isso. A sua reputação de jornalista honesto e trabalhador cairia por terra. Em breve, toda a Suécia descobriria o tipo de escória humana que estava à frente do maior tablóide do país. Ola Pettersson e Kristian Lövander, os repórteres que Tommy se negara despedir e nada fizera para que sofressem as consequências dos seus comportamentos abomináveis, pareceriam meninos de coro ao seu lado. Seriam evidentes para todos os motivos que o tinham levado a protegê-los.

Ingrid deixou escapar um suspiro e virou as costas a Tommy.

Precisava de dormir. No dia seguinte, de certeza que não teria um único momento de descanso. Teria de se levantar antes de Tommy, para lhe preparar o pequeno-almoço.

Naquela noite, combinara com a mãe que ficaria a tomar conta de Lovisa. Assim que deixasse a filha em sua casa, iria para um restaurante onde tinha a certeza de ser vista por muita gente.

Escaparia impune, tanto ao homicídio do marido, como à destruição da reputação do editor-chefe mais famoso da Suécia.

Viktoria Brunberg

Depois de subir rapidamente para o quarto e deixar o saco com o vestido preto e a jaqueta branca de pele que comprara, Viktoria apanhou novamente o elevador e desceu para o bar.

Reparou que atraía vários olhares apreciativos dos clientes masculinos. Viktoria sentou-se numa poltrona de pele e de imediato apareceu ao seu lado um empregado de camisa branca.

— Vodca, por favor — disse, sem olhar, nem para o homem, nem para a ementa.

— Com gelo?

Viktoria recusou com um gesto de cabeça. Enquanto esperava, abriu o jornal que estava em cima da mesa à sua frente. O editorial era sobre o movimento #MeToo. Viktoria, que não lia o diário sueco desde o Verão, ficou como que hipnotizada. Absorta na leitura de todo o editorial, não reparou que a sua bebida já fora servida. Também o artigo seguinte, uma reportagem extensa na secção sociedade, era sobre o modo como homens em posições de poder abusavam por sistema de mulheres jovens.

Depois de ler o primeiro parágrafo, olhou em volta à procura do empregado e reparou que o copo de vodca já estava em cima de um guardanapo à sua frente. Bebeu um grande gole, mas quase se engasgou com a bebida, porque, no meio do texto, viu a fotografia do homem que tinha de matar.

Viktoria pestanejou algumas vezes, incrédula, e voltou a olhar para ela.

Não havia a menor dúvida. Era mesmo ele.

«O editor-chefe do *Aftonpressen*, Tommy Steen, garante que o jornal encara com muita seriedade as acusações de assédio sexual feitas a dois dos seus colaboradores», dizia a legenda da imagem.

Mais adiante, Tommy Steen desenvolvia o seu ponto de vista e

explicava que não estava em posição de empreender acções concretas antes de os dois homens serem condenados. Também respondia às críticas de que fora alvo relativamente à decisão de não divulgar a identidade dos acusadores, embora não se tivesse coibido de o fazer com outros homens em situações semelhantes, mas de áreas profissionais distintas.

Viktoria sentiu as palmas das mãos húmidas, bebeu um grande trago de vodka e pousou o jornal aberto em cima da mesa. Tommy Steen, então era esse o seu nome, e era editor-chefe do jornal que acabara de ter nas mãos. O seu estado de espírito oscilava entre o pânico e a excitação.

O empregado de mesa parou ao seu lado e pigarreou, discretamente.

— Da parte do senhor ali ao fundo — disse, fazendo um gesto com a cabeça na direcção do bar para um homem elegante, vestido com um fato escuro.

No balde de gelo que o empregado colocou em cima da mesa estava uma garrafa de champanhe *Moët & Chandon*. Viktoria mostrou um sorriso deslumbrante ao homem que estava no bar e o empregado começou a abrir a garrafa com habilidade.

Ingrid Steen

Ingrid estendeu automaticamente a mão para desligar o despertador do telemóvel antes de tocar por mais de dois segundos. Sentia-se completamente desperta e repousada.

Tommy murmurou algo, enquanto ela vestia o roupão e se esgueirava do quarto. No bengaleiro do corredor estava pendurada a muda de roupa que Tommy precisava para a festa daquela noite. Debaixo do lenço dobrado no bolso da lapela, colocara um saquinho com dois gramas de cocaína.

Na cozinha, Ingrid ligou a máquina de café que deixara preparada na noite anterior. Lançou um olhar rápido ao calendário do ecrã do computador.

20:00h. Festa a bordo do Scandinavia.

O consórcio internacional de meios de comunicação a que o *Aftonpressen* pertencia, que também detinha dois canais de televisão e uma dúzia de outras publicações na Suécia, alugara o imponente navio *Scandinavia* para a sua festa anual. Uma vez que o tempo estava ameno, e os canais de Estocolmo não tinham gelado, apesar de ser Dezembro, Ingrid percebera que iam fazer uma viagem curta pelo arquipélago. Para alívio de ambos, Ingrid recusara o convite de Tommy, feito apenas por obrigação, para o acompanhar à festa. Todavia, isso não a impedira de adicionar uma tal Natasja Svanberg à lista de convidados, em nome de Tommy.

OuvIU a água a correr nos canos. Tommy tomava sempre duches rápidos.

Ingrid tirou uma caneca do armário, serviu o café, misturou nele um pouco da cocaína que ainda lhe restava e mexeu o líquido com uma colher.

Em seguida, serviu-se de uma chávena de café e pegou no seu *iPad*.

Viktoría Brunberg

Os cortinados grossos e opacos impediam a entrada de qualquer luz. A suíte estava completamente às escuras e os móveis não passavam de vultos escuros. Deitado ao seu lado, estava Al, como se chamava o americano alto que conhecera na véspera. Respirava pesadamente, mas sem ressonar. O cabelo tão elegantemente penteado no dia anterior estava agora colado à cabeça.

Viktoría olhou para o telemóvel. Faltavam quinze minutos para as nove da manhã. Não tinham dormido mais do que três ou quatro horas.

O americano Alan DePietro era um empresário da indústria petrolífera, mas vivera vários anos na Rússia. Fora por esse motivo que, na noite anterior, pouco depois de se aproximar e perguntar se podia fazer-lhe companhia, tinham começado logo a falar em russo. Era um homem educado, charmoso e viajado. Al tratara-a com gentileza, com respeito. Depois de terem permanecido no bar até à hora do fecho, convidara-a para o acompanhar ao seu quarto. Primeiro, Viktoría dissera que não. Porém, quando Al pagara a conta e lhe desejara boa noite sem insistentes tentativas de persuasão, ela arrependeu-se.

— Tens vodka no quarto? — perguntara-lhe com um sorriso.

A suíte ficava num dos últimos andares do edifício e era constituída por três divisões. Um terraço espaçoso, com vista para o palácio real, estendia-se por toda a parte da frente da suíte. Era o quarto de hotel mais espectacular que Viktoría alguma vez vira. Sentira-se como Julia Roberts em *Pretty Woman*. Primeiro, Al dera-lhe liberdade para escolher o que quisesse do serviço de quartos. Um jantar completo fora-lhes servido no terraço em lindas travessas de prata. Estocolmo dormira a seus pés, enquanto eles comiam e bebiam, envoltos em mantas quentes. Al tinha quase o dobro da

idade de Viktoria, estava perto dos cinquenta anos. Contara-lhe histórias sobre os barões do petróleo do Texas e tivera a oportunidade de conhecer pessoalmente os magnatas russos que Viktoria apenas vira na televisão. Quando ela lhe pediu expressa e insistentemente, descrevera-lhe a sua mansão, o luxo inimaginável e falou-lhe do seu avião privado.

Por outro lado, para além de a entreter com episódios de uma vida longa e emocionante, Al escutara-a, valorizara as suas opiniões e qualificara as suas ideias como «interessantes».

Em seguida, quando ficaram com frio, Al propôs-lhe irem para a sauna. Tinham levado o champanhe para a casa de banho, mas não tiveram tempo de chegar à sauna. Em vez disso, passaram directamente ao sexo no duche, antes de se secarem rapidamente e continuarem a ter relações na enorme cama.

Viktoria afastou o edredão, foi até à janela e abriu ligeiramente os reposteiros. Um ténue feixe de luz dividiu o quarto em dois. Em cima das mesas-de-cabeceira, estavam garrafas vazias e copos de champanhe.

Viktoria pegou na sua roupa, vestiu-se e esgueirou-se para a porta. Era uma pena nunca mais poderem ver-se.

— Natasja?

Viktoria estacou. Não lhe dissera o seu nome verdadeiro e inventara a história de que trabalhava numa loja de roupa, mas agora estava arrependida. Pelo menos, no que se referia ao nome.

— Tinha pensado deixar-te dormir — desculpou-se.

Al fez-lhe um gesto para que fosse ter com ele, e Viktoria sentou-se na beira da cama.

— Enquanto ressonavas esta noite, estive a pensar — disse-lhe Al com um sorriso. — Como te disse ontem, sou divorciado, passo todos os Natais a embebedar-me terrivelmente nalgum hotel, onde os empregados são pagos a peso de ouro para fazer companhia a pobres coitados como eu. Este ano, reservei um *all-inclusive* em Barbados.

Viktoria esperou pacientemente pela continuação, mas teve de se esforçar ao máximo para não explodir num enorme sorriso revelador.

— Ia sugerir-te que hoje viesses comigo para Genebra, ou que fosses lá ter no final da semana, e depois celebrasses o Natal comigo em Barbados. Estocolmo está muito bem, mas o clima realmente é horrível — acrescentou Al, fazendo um gesto para a janela.

— Não sei, tinha pensado ir à Rússia ver a minha mãe.

Al sorriu, mas Viktoria viu que ficou desapontado.

— Eu compreendo — respondeu ele e acariciou-lhe a mão. — Mas tenho pena.

Birgitta Nilsson

Nos primeiros dias, Birgitta Nilsson passara cada hora do dia à espera que a polícia viesse bater-lhe à porta para a algemar e levar detida. Todavia, nem a chegada da polícia, nem os interrogatórios, nem a sua condenação tinham acontecido.

Antes de devolver o carro alugado, levava-o a uma oficina e pagara em dinheiro, sem pedir factura, a substituição do vidro partido da janela lateral.

No entanto, a indisposição física que sentia piorou, até o cansaço extremo se tornar no seu estado habitual. Ainda assim, ignorou a marcação das consultas que tinha com o seu médico e com o hospital. Birgitta estava farta da vida, mantendo-a viva apenas a convicção de que Jacob ia morrer e tinha de cuidar dos gémeos. Não queria envergonhá-los com a revelação de que o pai dos seus filhos era um abusador. Assim que ele morresse e os hematomas lhe desaparecessem do corpo, começaria o tratamento contra o cancro. Os abusos de Jacob tinham-se intensificado, tornando-se mais cruéis e mais calculados. Não lhe batia para a ferir, mas para se curar a si próprio. Batia-lhe de forma mecânica, sem demonstrar emoções, nem sentimentos. E Birgitta também recebia os golpes sem nenhuma emotividade. Talvez fosse uma das coisas que mais provocava Jacob e o levava a bater-lhe com mais força.

Nessa tarde, despediu-se dos seus alunos, arrumou os papéis e um pouco a sala antes de fechar a porta à chave.

O corredor estava praticamente vazio, apenas Lovisa Steen continuava por ali.

— Como estás, minha querida? — perguntou-lhe Birgitta.

— Estou bem.

— De certeza?

A menina assentiu com a cabeça.

— Então, o que ainda estás aqui a fazer?

— Hoje, a minha mãe vem buscar-me um pouco mais tarde e, depois, vou para casa da minha avó.

— Olha que bom! Gostas de ir visitar a tua avó?

Birgitta ajudou-a a pôr a grande mochila às costas, e, lado a lado, percorreram o corredor ao longo dos bengaleiros.

— A minha mãe e o meu pai vão divorciar-se — disse Lovisa, de repente, depois, mordeu o lábio inferior tentando reprimir o choro.

Birgitta sobressaltou-se. Tommy e Ingrid Steen? O casal mais perfeito de Estocolmo? Incrível!

Lovisa tinha os olhos rasos de lágrimas.

— Pronto, não chores, meu amor — disse-lhe Birgitta, levando-a para um banco.

Aí, ajudou-a a sentar-se no seu colo e abraçou-a. Não sabia o que mais havia de lhe dizer.

Permaneceram as duas em silêncio, abraçadas.

Birgitta sentiu uma lágrima cair-lhe na mão.

— Tenho cancro, vou morrer — sussurrou.

Percebeu, então, que a lágrima era sua.

Viktoría Brunberg

Viktoría chegou ao cais apenas alguns minutos antes da hora marcada para o *Scandinavia* soltar amarras. Dois seguranças vestidos com grossos casacos pretos olharam-na sem um especial interesse, perguntaram-lhe o nome, confirmaram que fazia parte da lista de convidados, assentiram com um gesto de cabeça e deixaram-na entrar. O som dos seus saltos agulha ressoou contra a prancha de embarque, enquanto Viktoría subia a bordo. Através das escotilhas do navio, conseguiu ver que os convidados não tinham perdido tempo. A festa já começara e a música ecoava pelo convés praticamente vazio, à excepção de alguns fumadores corajosos que desafiavam o frio para saciar a sua necessidade de nicotina. Viktoría abriu a porta e entrou. Os homens estavam vestidos de escuro, a maioria sem gravata, e as mulheres usavam vestidos de gala. Viktoría evitou estabelecer qualquer contacto visual; avistou o bar no extremo oposto do salão, dirigiu-se até lá e pediu um copo de vinho branco. Olhou em volta em busca de Tommy Steen, o homem que iria matar. Em frente ao bar, havia um pequeno palco com um suporte para microfone, duas guitarras, um baixo e uma bateria.

Um homem de cabelo ralo, com uns sessenta anos, subiu ao palco com uma taça de champanhe na mão e usou a ponta do dedo indicador para confirmar que o microfone estava ligado. O barulho de fundo cessou, e os rostos voltaram-se para ele.

— Caríssimos colegas, sejam todos muito bem-vindos a bordo! Estamos prestes a zarpar e a partir num belo passeio pelo arquipélago...

Viktoría deixou de lhe prestar atenção e continuou a percorrer todo o espaço com o olhar. Quando os aplausos começaram a soar, a seguir à intervenção do homem calvo, Viktoría descobriu o editor-chefe do *Aftonpressen* entre a assistência. Estava relativamente

perto dela, à sua esquerda, ao lado de uma mulher jovem. Ambos aplaudiam.

Estavam muito juntos, talvez demasiado juntos para serem apenas colegas de trabalho, que, por acaso, se tinham sentado próximos um do outro. De vez em quando, a mulher agarrava na mão de Tommy e apertava-a. Não havia dúvida nenhuma de que se passava algo entre eles. Teria sido ela quem encarregara Viktoria do assassinato e quem tratara da sua entrada naquela festa? Nesse caso, comportava-se com uma frieza gélida e mesmo insana.

— Saúde!

O homem no palco ergueu o seu cálice para brindar com o público.

Viktoria levou o copo aos lábios e bebeu um pequeno trago. Não queria beber demasiado. Tinha de se manter sóbria, embora tivesse preferido poder aliviar o nervosismo com mais um pouco de álcool.

O salão voltou a encher-se com o estrépito dos aplausos. Viktoria pousou o copo no balcão e acompanhou as palmas. O homem desceu do pequeno palco e o barco começou a mover-se.

Ingrid Steen

Ingrid não estava habituada a ter tantas pessoas à sua volta. O restaurante Riche estava cheio de clientes. À sua volta, jantavam caras conhecidas da televisão, políticos e jornalistas famosos. O murmúrio das conversas era ensurdecedor. As pessoas que não tinham conseguido reserva aglomeravam-se junto ao bar, que ficava a poucos metros dos clientes sentados às mesas. O balcão do bar do Riche era conhecido como «a valeta dos divorciados», porque era onde os quarentões recém-separados se acotovelavam em busca de novos parceiros. Algures na sala, no meio do bulício, ouviu-se o barulho de um copo a partir-se.

— ... e, então, ele disse-me que não era essa a vida que tinha imaginado, que sempre tinha sonhado com algo completamente diferente. Estás a ver? Ele tem quarenta e cinco anos, mas comporta-se como se tivesse quinze. É um homem, não um miudito! Tem zero sentido de responsabilidade.

— Pois, é deplorável — respondeu Ingrid e abanou a cabeça, antes de levar uma garfada de peixe à boca.

Carina Feldt era uma antiga colega do *Aftonpressen*, que, cinco anos antes, deixara o jornalismo para se tornar editora literária. Há meio ano que andava às voltas com um processo de divórcio complicado com o pai dos seus dois filhos, Gustaf Hammer, o rei das relações públicas de Estocolmo.

Uma noite, depois de deitar as crianças, Gustaf anunciara-lhe simplesmente que estava tudo acabado. Já não a amava, precisava de mais tempo para si próprio. Não havia margem para negociações, nada sobre que reflectir. Já tinha comprado um apartamento para si no outro lado da cidade.

— Então, agora, só vê os filhos em fins-de-semana alternados. É o único tempo que consegue arranjar. Vive como se tivesse vinte

anos. Corre os bares com os próprios empregados, chega a casa de madrugada e faz figura de parvo. É mesmo patético.

— Patético — concordou Ingrid.

Ingrid sentia pena de Carina, mas estava com dificuldade em prestar-lhe atenção. Os pensamentos vagueavam constantemente para o *Scandinavia* e para Tommy. Tudo estava preparado. Ingrid fizera a sua parte, e o que estivesse para acontecer agora a partir daquele momento estava fora do seu controlo. Não podia fazer nada para ajudar. Àquela hora, provavelmente, o barco já deixara o cais e a festa estaria a decorrer a todo o vapor. Na melhor das hipóteses, Tommy estaria a mimar Julia, mais ou menos às claras.

Ingrid só queria que tudo terminasse quanto antes. Não via a hora de toda a gente descobrir que Tommy era um cocainómano sem escrúpulos e não o editor sério e honesto que todos julgavam ser.

Carina levantou-se para ir à casa de banho, e a sua silhueta desapareceu por entre a multidão que contornava o bar. Ingrid enfiou a mão na sua mala para pegar no telemóvel, mas sentiu os dedos tocarem noutra coisa.

Viktoria Brunberg

Viktoria teria de se aproximar mais de Tommy, arranjar maneira de falar com ele, mas a mulher jovem nunca saía do seu lado. O passeio já durava há duas horas, as luzes da costa viam-se cada vez mais longe e os jornalistas à sua volta estavam cada vez mais embriagados. Viktoria permaneceu junto ao bar, respondendo por monossílabos a quem lhe dirigia a palavra, mantendo Tommy constantemente debaixo de olho.

Entretanto, uma banda preparava-se para subir ao palco. Ao vê-los pegarem nos instrumentos e uma cantora de cabelos louros e casaco de cabedal preto agarrar no microfone, o público explodiu de entusiasmo. Viktoria voltou a olhar para o local onde vira Tommy pela última vez, mas ele desaparecera. Perscrutou rapidamente todo o espaço e avistou-o de costas. A mulher parecia já não estar com ele, talvez tivesse ido à casa de banho. Tommy conversava com o homem que fizera o discurso de boas-vindas.

Viktoria tinha de agir de imediato. Praticara muitas vezes a conversa que teria com ele. Pegou no copo de vinho e abriu caminho por entre a massa de gente, cuja atenção estava agora totalmente focada no palco.

Viktoria tocou no cotovelo de Tommy, inclinou-se para a frente e sussurrou-lhe a frase que ensaiara. A sua voz foi abafada pelos aplausos, porque, nesse instante, no palco, a cantora agarrava no microfone para dizer algumas palavras. Tommy fitou-a com ar de total incompreensão.

— Trabalho na embaixada da Rússia, tenho informações secretas sobre espionagem contra a Suécia — repetiu Viktoria, desta vez, um pouco mais alto. — Venha comigo, temos de conversar.

Tommy ficou de boca aberta, mas recompôs-se rapidamente. Assentiu com a cabeça e fez um gesto na direcção da porta que

dava para as traseiras do bar. Ninguém pareceu reparar neles, porque todos os olhares estavam dirigidos para o palco onde a artista começara a cantar a sua primeira canção. Percorreram em silêncio um corredor deserto, onde os seus passos ecoavam de forma um tanto sinistra. Pararam em frente a uma porta com uma janela virada para o convés.

— Vamos por aqui — disse-lhe Tommy, segurando a porta para ela passar.

Foi com grande alívio que Viktoria verificou que o convés estava vazio. Continuou a andar em direcção à popa, para não serem vistos se algum passageiro aparecesse para fumar um cigarro. Como Tommy estava a segui-la a alguns passos de distância, Viktoria contornou a esquina e parou junto à amurada com um metro de altura.

O barco deixava um rasto de espuma e pequenas ondas brancas na água escura do canal, flanqueado de ambos os lados pelo bosque. Tommy colocou-se ao lado de Viktoria, com os cotovelos apoiados na amurada. Viktoria pousou a sua carteira entre os dois.

— Disse que trabalha na embaixada da Rússia?

Viktoria evitou olhar directamente para ele, assentindo apenas rapidamente.

— O meu país anda a espiar o seu. Temos o seu jornal sob escuta.

Tommy passou uma mão pelo queixo, parecia céptico.

— E porque me conta isto?

— Porque quero sair da Rússia e pedir asilo à Suécia.

Tommy pegou num maço de cigarros e estendeu-o a Viktoria, que retirou um cigarro, antes de ele retirar um para si.

— Deixei de fumar há muito tempo, mas, de vez em quando, fumo em festas — disse Tommy em tom de explicação, enquanto acendia o cigarro dela.

Os seus olhares cruzaram-se por um segundo, sob o brilho da chama, que vacilava entre as mãos de Tommy fechadas em concha. Havia uma espécie de intimidade naquele momento e Tommy emanava uma certa atracção.

O cigarro não se acendeu.

— Permita-me — disse Viktoria.

Pegou no isqueiro e no cigarro que Tommy tinha na boca e virou-se ligeiramente para o resguardar do vento. Tommy voltou a ficar de frente para a água à espera. Um empurrão forte era suficiente.

— Está a conseguir? — perguntou-lhe Tommy por cima do ombro.

— Está quase — respondeu ela.

Viktoria descalçou rapidamente os saltos altos e lançou-se sobre ele.

Ingrid Steen

O vinho tinha sido todo bebido, os pratos tinham sido levantados pelos empregados de mesa e as conversas começavam a esmorecer. As pausas em silêncio eram cada vez mais longas. Os olhos de Carina estavam brilhantes do cansaço e do álcool. O ruído de fundo vindo do bar tornava-se cada vez mais incomodativo e a parede humana aproximava-se cada vez mais da mesa de Ingrid, à medida que o número de clientes ia aumentando.

Ingrid sentia-se excitada, sem perceber se era por causa do álcool ou por se aperceber de que suscitava olhares lascivos, provavelmente, uma combinação de ambos. Havia um homem em particular, ao balcão do bar, que despertara o seu interesse. Parecia andar pelos trinta e tal anos, era moreno e vestia uma camisa preta e calças de ganga também pretas. De vez em quando, ficava abertamente a fitar Ingrid, que também lhe devolvia o olhar.

— Vamos começar a pensar em ir embora? — perguntou Carina, começando a retirar o casaco das costas da cadeira.

— Sim, claro — respondeu Ingrid.

Ao mesmo tempo, não lhe apetecia que a noite acabasse. Não queria voltar para a casa enorme e vazia de Bromma. Muito em breve, seria livre, livre para fazer tudo o que quisesse. Tommy teria o que merecera e ela renasceria. Sentiu-se invadida por uma sensação inebriante.

— Espera um pouco — disse. — Vou só à casa de banho.

Ingrid pressentiu que o homem do bar a observava, enquanto pegava nas suas coisas e se dirigia para a casa de banho.

Quando fechou a porta atrás de si, retirou o pacotinho de cocaína da carteira, encontrou uma nota velha e amachucada e preparou rapidamente uma linha, como vira as suas amigas mais atrevidas fazerem quando saíam para alguma festa que durava a noite inteira.

Nunca experimentara drogas, à excepção de algumas passas de haxixe durante um fim-de-semana em Copenhaga, quando era adolescente.

Inspirou o pó branco, confirmou com a câmara fotográfica do telemóvel que não havia nenhum rasto branco debaixo do nariz e voltou a abrir a porta.

O mundo vacilou um pouco à sua volta e tornou-se mais acolhedor e mais emocionante. Atravessou rapidamente o salão até chegar junto à mesa em que Carina a esperava.

Já na rua, despediram-se com um abraço junto à fila de táxis, que aguardavam pelos clientes embriagados.

— Apanha tu este — disse Ingrid, gesticulando para o primeiro veículo.

Ficou parada a acenar a Carina, que se sentou no banco traseiro. Esperou que o táxi desaparecesse na esquina para voltar a entrar no Riche. Procurou rapidamente o homem vestido de preto junto ao bar, que pareceu surpreendido por vê-la de novo. Ingrid sentia-se transbordante de confiança.

— Vives perto daqui? — perguntou-lhe Ingrid, sem quaisquer rodeios.

— Sim, no bairro de Vasastan.

— Ótimo — respondeu. — Dá-me a morada. Depois, sai e apanha um táxi para casa.

O homem riu.

— É na rua Odengatan, número 35.

Cinco minutos mais tarde, Ingrid estava sentada no banco de trás de um táxi a descer a rua Birger Jarlsgatan. Sentia o coração bater com força e a cabeça leve, mas de uma maneira agradável. Colocou discretamente a mão entre as pernas e sentiu-se molhada.

Viktoría Brunberg

Viktoría contemplou a queda silenciosa de Tommy, que só começou a gritar quando estava a poucos metros da água. O seu corpo desapareceu no mar escuro e Viktoría permaneceu apoiada na amurada. Alguns segundos depois, viu o corpo de Tommy reaparecer à superfície, os seus acenos e gritos desesperados. Com um olhar rápido por cima do ombro, confirmou que ninguém se aproximara, então, pegou no cigarro e no isqueiro e inalou fundo o fumo.

Tommy perderia as funções vitais antes de conseguir nadar até terra firme. Morreria gelado. Não lhe parecera um homem cruel, mas o que sabia ela? A mulher que queria vê-lo morto teria com certeza as suas razões, como ela tinha a propósito de Malte.

Viktoría olhou para o relógio de pulso. Já deviam estar a regressar a Estocolmo. Voltou para a festa. A banda continuava em palco e a cantora de franja loira cantava a plenos pulmões, inclinada para trás e com o olhar fixo no tecto. Ninguém se apercebera de nada. Viktoría regressou ao mesmo lugar que ocupava dantes e pediu mais um copo de vinho branco. Sentia-se calma. A festa continuava a decorrer com normalidade. Dali a cerca de uma hora, o barco estaria a atracar no cais de Nybrokajen e, nessa altura, desapareceria sem ninguém reparar nela. Os convidados já estavam tão embriagados que mal sabiam os próprios nomes. E depois? Para onde iria? Regressaria à Rússia? Pensou em Al e sentiu um calor invadir-lhe o corpo. Gostara daquele homem. Ele tratara-a com respeito. Não como Yuri, mas, ainda assim, era um homem que sabia como tratar uma mulher. Era um homem sério. Talvez devesse aceitar o seu convite e passar as festas com ele em Barbados. Mas... e até lá?

Ingrid Steen

O homem esperava-a à porta do prédio. No edifício ao lado, havia um bar onde os clientes fumadores se aglomeravam à porta, em pequenos grupos. O homem estendeu a mão a Ingrid e apresentou-se.

— Lukas.

— Muito prazer — respondeu Ingrid com um sorriso. — Podes chamar-me Johanna.

Lukas franziu o sobrolho.

— Porquê «Posso chamar-te»?

— Sim, esse não é o meu nome verdadeiro. Vais abrir a porta, ou não?

Lukas encolheu os ombros, marcou o código de segurança da porta e deixou-a passar à sua frente. Ingrid estava divertida com toda aquela situação, com o facto de ser ela a deter o controlo. No elevador, ficaram de frente um para o outro e Ingrid olhou-o de cima a baixo, sem qualquer tipo de pudor. Gostou do que via. Lukas olhou-a nos olhos e sorriu.

— És muito giro, sabes? — perguntou-lhe.

Lukas riu-se.

— Tu também.

O seu pequeno apartamento de duas assoalhadas com janelas viradas para a rua Odengatan, ficava no quarto andar. Sem descalçar os sapatos, Ingrid foi directamente para uma das janelas. Lukas aproximou-se dela, parou quase todo encostado ao seu corpo e apoiou as mãos na cintura dela. Ingrid sentiu um arrepio pelo corpo todo, mas percebeu que o efeito da droga começava a dissipar-se.

— Espera só um pouco — disse-lhe. — Onde é a casa de banho?

Lukas apontou-lhe a direcção. Ingrid levou consigo a carteira,

preparou uma nova linha em cima da tampa da sanita e inalou-a. Sentiu a pulsação acelerar e a temperatura corporal a subir.

Quando regressou, Lukas continuava à janela. Ingrid meteu-se entre ele e a parede e sentou-se no parapeito, puxando-o para si. Beijaram-se. Lukas sabia a álcool. Ingrid desabotoou-lhe as calças e agarrou no seu sexo erecto, sentindo a sua respiração ficar cada vez mais pesada.

Lá em baixo, na rua Odengatan, ouviu-se os gritos de um bêbedo.

Ingrid despiu-se toda, mas continuou com os sapatos calçados, e ficou nua à frente dele. Depois, apoiou os cotovelos no parapeito da janela, inclinou o tronco e arqueou as costas.

TERCEIRA PARTE



Ingrid Steen

A bandeira sueca ondulava a meia haste à porta dos escritórios da redacção.

Ingrid estava vestida de preto. Apesar de ser Inverno e de o sol não aparecer há mais de uma semana, escondia o rosto atrás de um par de óculos de sol enormes. Abriu a porta do carro e saiu. Mariana Babic esperara-a atrás das portas de correr e foi ao seu encontro. Deu-lhe um abraço longo e caloroso.

— Estás com forças para fazer isto? — perguntou-lhe, carinhosamente.

Ingrid limitou-se a assentir com a cabeça, de forma decidida.

Alguém devia ter avisado os funcionários do jornal que Ingrid estava a chegar, pois toda a equipa editorial estava reunida à volta da mesa de centro. Ingrid acenou com a cabeça para algumas caras conhecidas, enquanto tentava localizar Julia. O gabinete de Tommy estava vazio e a secretária coberta de flores.

O presidente do conselho de administração do grupo, Ingvar Svedberg, passou-lhe um braço pelos ombros e conduziu-a com cuidado para o meio dos jornalistas ali reunidos. Ingrid manteve o olhar fixo à sua frente, quando Ingvar clareou a garganta.

— Tommy Steen era uma das pessoas mais generosas e um dos editores mais corajosos que conheci. O *Aftonpressen* está de luto. Toda a imprensa sueca chora a sua partida. Ficámos despojados de uma voz forte e importante no debate público...

Ingrid deixou de prestar atenção ao discurso e continuou à procura do rosto de Julia por entre os jornalistas ali presentes.

Nos interrogatórios da polícia, Ingrid admitira, hesitante, que Tommy fora consumidor de cocaína e que, por várias vezes, ela tentara convencê-lo a parar.

Com uma aparente relutância, também lhes contara que, duas

semanas antes, tinha descoberto que era Julia Wallberg, a aclamada apresentadora de televisão do *Aftonpressen*, quem o ajudava a comprar as drogas. Ao dizê-lo, reparara que os inspectores tinham trocado olhares. Ingrid sabia que a polícia de Estocolmo não tinha pejo nenhum em prender figuras públicas por crimes relacionados com drogas, como forma de mostrar ao público em geral e aos políticos que levava o assunto muito a sério. Todos os famosos que fossem detidos em rusgas, significava alguma publicidade positiva para a polícia, e Ingrid estava convencida de que isso actuaria contra Julia. Se tudo corresse de acordo com o seu plano, significava que fariam uma busca ao apartamento da apresentadora e que a sua carreira até ali tão bem-sucedida, chegaria ao fim. Era provável que todos os presentes naquela sala já soubessem que a polícia encontrara um pacote de cocaína no casaco de Tommy, e que o exame toxicológico mostrara que tinha cocaína no sangue quando caíra borda fora.

A informação já chegara à Internet e a todos os fóruns das redes sociais. Ingvar Svedberg podia falar até ficar rouco sobre a excelência de Tommy, mas, aos olhos da sociedade, o jornalista morto não passava de um cocainómano que, demasiado bêbedo ou pedrado, caíra ao mar durante uma festa da empresa.

— ... um acidente, um terrível e trágico acidente que também deixou viúva uma mulher fantástica e uma menina sem o seu adorado pai. Ingrid cerrou os maxilares, enquanto Ingvar pigarreou, inspirou fundo e se recompôs.

— Agora, quero que façamos um minuto de silêncio em homenagem ao Tommy.

Birgitta Nilsson

Birgitta estivera a manhã toda a observar Lovisa. Era o primeiro dia de escola da menina, desde que o pai morrera afogado nas águas do arquipélago. Embora Birgitta tivesse pena da menina por vê-la tão calada e distante, achava, como a directora da escola e responsável pelo estudo, que o melhor para Lovisa seria voltar às rotinas diárias o mais depressa possível.

Até os outros alunos pareciam mais calados do que de costume. Compreendiam o sucedido e demonstravam respeito pela colega. Eram muito bons meninos, e Birgitta sentia-se muito orgulhosa pela turma pela qual era responsável. Um dia tornar-se-iam cidadãos capazes e bondosos.

Assim que Birgitta saiu para o pátio da escola, viu Lovisa na companhia da sua mãe, vestida de preto, a dirigirem-se para o carro. Sem conseguir conter-se, Birgitta chamou pelo seu nome. Ingrid virou-se para trás, disse qualquer coisa a Lovisa e foi ao encontro da professora.

— Só queria expressar-lhe as minhas condolências — disse-lhe Birgitta. — Que acontecimento tão trágico e horrível.

— Obrigada — respondeu Ingrid.

Birgitta pensou em algo mais para dizer.

— A Lovisa é... A senhora tem uma filha maravilhosa... e muito corajosa. Deve estar muito orgulhosa dela.

Ingrid Steen assentiu com a cabeça e preparou-se para regressar para junto da filha.

— Decerto que terá muitos amigos próximos disponíveis, mas, se precisar de alguma coisa, não hesite em contactar-me — acrescentou Birgitta.

— Obrigada — repetiu Ingrid, antes de se afastar.

Birgitta ficou a observá-las durante mais alguns instantes, antes

de se apressar a voltar para casa. Planeava preparar uma boa refeição para os gémeos e Jacob. Era a última vez que estariam todos juntos, e queria proporcionar-lhes um momento especialmente agradável em conjunto. Sabia que eles iam suspirar e revirar os olhos as poucas vezes que abrisse a boca, mas, com os anos, habituara-se àquele desrespeito, embora continuasse a magoá-la. Por vezes, desejava também ter tido uma filha. As meninas eram mais meigas do que os rapazes. Talvez a vida lhe parecesse um pouco mais fácil, se tivesse tido alguém que lhe retribuísse um pouco de amor.

Ingrid Steen

As árvores e os arbustos que separavam os terrenos estavam nus. A temperatura aproximava-se dos zero graus. Ingrid não fizera a menor ideia de que a rua ficava tão próxima da sua casa. Obrigara-se a resistir à tentação de investigar o nome da mulher cujo marido morreria em breve. Talvez fosse alguém que conhecesse pessoalmente. Ou alguém com quem se cruzasse no supermercado. Alguém que tivesse filhos na mesma turma que Lovisa. Puxou o gorro de lã mais para baixo sobre as orelhas.

As casas próximas, todas adornadas com estrelas de Natal nas janelas, pareciam tranquilas. Tudo indicava que no seu interior viviam pessoas normais e honestas. Não obstante, havia pelo menos uma mulher que odiava tanto o marido, que estava disposta a matá-lo. Provavelmente, até havia mais do que uma.

Os bairros residenciais de vivendas eram prisões femininas sem muros, onde as mulheres permaneciam presas por obrigação ou por amor aos filhos. Ingrid não ia assassinar um homem, mas libertar uma mulher. Tal como ela se libertara com a morte de Tommy.

Birgitta Nilsson

A casa estava em silêncio e Jacob ressonava ao seu lado. Birgitta fizera um esforço para se manter acordada, embora o sono lhe sussurrasse sedutor. Em certas alturas, Jacob tomava comprimidos para dormir, o que tornara bastante simples a tarefa de moer algumas pastilhas e diluí-las na bebida que tomava a seguir ao jantar.

Jacob ia morrer. Birgitta cumpriria a promessa de amá-lo e respeitá-lo na pobreza e na riqueza, até que a morte os separasse. O seguro de vida que tinha contratado seria mais do que suficiente para os gémeos, pelo menos, até estarem aptos a valer-se sozinhos.

Birgitta ficaria ao seu lado até ao fim. Jacob escolhera-a e ela sentira-se lisonjeada. Confundira o seu carácter taciturno com bondade, talvez porque em criança associava a maldade aos gritos e à estridência. Agora, porém, Birgitta ainda carregava no corpo as marcas silenciosas da sua crueldade.

Saiu cuidadosamente debaixo dos cobertores, esgueirou-se para o andar inferior e destrancou a porta principal. Quando voltava ao andar de cima, não conseguiu resistir a entrar no escritório de Jacob. No parapeito da janela, estava o castiçal de prata de cinco braços que Jacob herdara da mãe. Que absurdo, revestir um objecto daqueles com uma matéria inflamável.

Três semanas após a morte da sua sogra, Jacob espancara-a com ele. Não na cabeça. Não, tivera o cuidado de o dirigir apenas para as suas costas, enquanto os gémeos dormiam. Partira-lhe duas costelas. Depois daquilo, durante semanas, Birgitta passara noites inteiras acordada.

Jacob sempre conseguira controlar os seus impulsos cruéis e Birgitta aprendera a controlar a dor física que a violência do marido

lhe causava. Perguntava-se se ele alguma vez teria sido violento com mais alguém, para além dela. Quando os gémeos nasceram, receara que ele também começasse a dirigir a sua ira para eles. Desde o início, prometera a si mesma que, se ele alguma vez levantasse a mão para qualquer um deles, o matava. Porém, nunca lhes tocara, por mais que eles gritassem, discutissem e lutassem. Birgitta ouviu um ruído na porta.

— O que estás a fazer no meu escritório?

Ingrid Steen

Ingrid observou a vivenda de dois andares e consultou rapidamente o relógio. Estava na hora. A porta principal devia estar destrancada. A única coisa que tinha de fazer era acender uma vela e atirar outra para o chão, depois, voltaria para casa. Olhou em volta de novo e abriu o portão. Esgueirou-se o mais silenciosamente que conseguiu pelo caminho de gravilha dura e congelada. Quando chegou à porta da entrada, deteve-se e ficou à escuta. Estava tudo em silêncio.

— Ao cimo das escadas, segundo quarto à direita — repetiu para si própria.

Rodou com cuidado a maçaneta da porta e entrou. Retirou as capas azuis de plástico dos bolsos e colocou-as por cima dos sapatos. A casa cheirava a jantar, a vida, a pessoas desconhecidas. Na parede do lado direito, estavam penduradas fotografias emolduradas, mas Ingrid ignorou-as. Não queria saber. Não podia saber.

Aproximou-se em bicos de pés das escadas. Subiu um degrau, dois. De repente, deteve-se. Ouviu barulhos no andar de cima. Uma voz. A voz de um homem, cheia de uma ira contida. Depois, ouviu um baque.

Ingrid virou as costas rapidamente, preparando-se para fugir dali.

Birgitta Nilsson

Jacob imobilizou-a contra a parede.

— O que fazes tu no meu escritório?! — repetiu.

Não podia estar acordado, era impossível. Birgitta desfizera dois comprimidos para dormir no seu uísque. Será que não o tinha bebido?

Jacob segurou-a contra a parede, preparou o golpe e socou-a. Quando o seu punho lhe atingiu a barriga, os pulmões de Birgitta contraíram-se e ficou sem ar. Caiu no chão, enquanto Jacob a olhava com desprezo.

— Andas a espiar-me, sua cabra estúpida? Já te disse milhares de vezes que estás proibida de entrar no meu escritório!

Não lhe deu oportunidade de responder, começou a pontapeá-la. Birgitta levantou os braços para se proteger e, quando o pé de Jacob lhe acertou no cotovelo, ele fez um esgar de dor. Os seus olhos brilharam de raiva e maldade.

A mulher que devia vir acender a vela e certificar-se de que os papéis começavam a arder, deveria chegar a qualquer momento. Talvez até já estivesse ali em casa. Mas o que poderia ela fazer? Era evidente que se iria embora, e Birgitta não a podia censurar.

— Jacob, por favor, eu...

Jacob inclinou-se e agarrou-a pelos cabelos. Puxou-lhe a cabeça para cima e Birgitta acabou de joelhos, a gemer baixinho.

— Estás mesmo a pedir o cinto, cadela asquerosa — sibilou Jacob. — É agora que vais prová-lo, puta de merda!

Largou-a e foi fechar as cortinas.

Ingrid Steen

As facas brilhavam todas alinhadas entre a loiça recém-lavada. Calçou as luvas finas, escolheu uma faca de carne, grande e bem afiada, e tomou-lhe o peso. Já ouvira o suficiente. Esgueirou-se novamente para as escadas e começou a subi-las. Ouvia-se soluços débeis. Algures na casa, fechou-se uma porta.

— Agora esta vaca estúpida ainda se recusa a obedecer!

Ingrid encolheu-se no cimo das escadas e aguardou. O homem vinha na sua direcção. Ainda não o via, mas já ouvira o suficiente. Enquanto esperava, a única coisa que sentia era raiva. Os passos aproximavam-se e eram cada vez mais audíveis. Quando o homem se encontrava a poucos metros de distância, Ingrid lançou-se sobre ele. No último segundo, deve tê-la ouvido, pois virou-se de repente e teve tempo de levantar um braço. Ingrid sentiu uma dor quando qualquer coisa lhe arranhou o rosto.

Porém, era tarde demais. Já tinha enterrado a faca na barriga dele. O homem abriu a boca e olhou-a confuso. Da sua garganta, saiu um ruído surdo. Ingrid puxou a faca e voltou a cravar-lha. Várias vezes mais.

Ingrid só deixou de o apunhalar quando o homem caiu para o chão, ficando então a olhar para o seu corpo sem vida. O que havia de fazer agora? Tinha acabado de esfaquear uma pessoa até à morte.

Ouviu um gemido, porém, não provinha do homem, mas do quarto com a porta fechada.

— Ele está morto — disse Ingrid. — Está tudo bem consigo?

Silêncio.

Ingrid repetiu a pergunta.

— Cá me arranjo — respondeu a mulher, por fim.

Ingrid queria entrar, abraçá-la, reconfortá-la e dizer-lhe que o

inferno tinha terminado.

— Fique onde está — disse Ingrid. — Não podemos ver-nos.

Reflectiu alguns segundos.

— O que aconteceu aqui esta noite foi uma tentativa de assalto que acabou por correr mal. Vocês ouviram um ladrão, que depois matou o seu marido. Vou levar a faca comigo. Agora, tenho de sair daqui. Ligue para a polícia assim que eu desaparecer.

— Obrigada, muito obrigada.

Ingrid olhou à sua volta e descobriu o cinto que caíra a alguma distância do homem. Fora aquilo que lhe atingira a cara. Pegou nele, enrolou-o e guardou-o no bolso.

EPÍLOGO

Um ano depois



O ar estava quente. Embora o Sol estivesse a pôr-se, a temperatura no sul da Florida continuava acima dos trinta graus. Duas mulheres estavam sentadas a uma mesa redonda no bar da praia, virado para o mar. De vez em quando, ouviam o barulho de um motor ou de uma buzina. Ingrid Steen e Viktoria Brunberg nunca se tinham encontrado antes, no entanto, partilhavam o segredo mais profundamente oculto uma da outra. A conversa era hesitante, prudente e educada.

— Estiveste em Barbados, não foi? — perguntou Ingrid.

— Sim, no Natal e na passagem do ano. Também lá estive no ano passado, com o meu noivo — respondeu Viktoria Brunberg.

— Ele é boa pessoa?

— Muito boa pessoa.

Viktoria levou o copo à boca e bebeu o que restava do seu *cocktail*.

— E tu?

Ingrid abanou a cabeça.

— Não, eu vivo sozinha com a minha filha.

Fez um gesto com a mão na direcção da praia, onde uma menina loira brincava nas ondas.

Não tinham revelado os seus nomes uma à outra; era mais seguro assim. Ainda estavam à espera de uma terceira pessoa. Também ela uma mulher que nunca tinham conhecido, nem sabiam como se chamava, mas que estava igualmente ao corrente de como todas tinham recuperado a liberdade.

Em seu redor, estavam sobretudo turistas. Casais que se fotografavam ou contemplavam apaixonadamente o mar azul-turquesa. As duas mulheres sobressaltaram-se quando um carro de polícia passou com a sirene ligada. Quando o barulho cessou, riram-se, nervosas.

— Onde estará ela? — perguntou Ingrid Steen.

— Será que não vem?

— Esperamos mais um bocado, não achas?

Chamaram o empregado e pediram mais um *mojito* para cada uma. O empregado voltou pouco depois com as bebidas em cima de um tabuleiro. Os copos eram enormes e as folhas de hortelã reluziam sob os cubos de gelo.

Nesse momento, apareceu uma mulher mais velha, que olhou em volta, antes de se aproximar da mesa delas. Ambas se levantaram. A recém-chegada puxou uma cadeira cujas pernas arrastaram no chão. Tinha o cabelo branco e estava muito magra. A sua palidez não combinava de todo com os rostos bronzeados dos turistas.

Olhou fixamente para a mulher mais velha das duas que estavam à mesa. Viktoria Brunberg observou-as à vez, sem conseguir compreender.

— Vocês conhecem-se?

Ingrid Steen e Birgitta Nilsson continuaram a olhar-se fixamente, até desatarem a rir às gargalhadas.

A indiscutível rainha do *thriller*
Mais de 28 milhões de exemplares vendidos
«Era verdade que ia matar um homem, mas, ao mesmo tempo, libertaria uma mulher. O saldo das suas acções acabaria por ser positivo. E, quando estivesse feito, alguém a libertaria a ela.»



Prisioneiras dos seus casamentos, cansadas de sofrer e com sede de vingança, três mulheres que não se conhecem trocam confidencias num fórum da Internet.

Ingrid sacrificou a sua carreira de jornalista em benefício do marido, um famoso editor de jornal, mas descobre que este a trai sem escrúpulos. Birgitta, a doce professora admirada por toda a comunidade, sabe que está doente há vários meses, mas continua a adiar a ida ao médico. As contusões que cobrem o seu corpo podem revelar a violência que sofre em silêncio.

Victoria deixou a sua Rússia natal para se estabelecer na Suécia com um homem que conheceu num site de encontros. Mas ele não é, de forma alguma, o marido que ela imaginou, e a sua nova vida é um pesadelo. Prisioneira de um bêbado obeso, é tratada «como uma boneca insuflável capaz de cozinhar e manter a casa limpa».

Um dia, levadas ao limite, planeiam, mesmo sem se conhecerem, o crime perfeito

Camilla Läckberg é dos autores mais lidos em todo o mundo, com mais de 28 milhões de livros vendidos. É também uma empresária de sucesso e uma das fundadoras da Invest In Her, uma empresa de investimentos que trabalha com empreendedorismo feminino e luta contra as disparidades salariais entre homens e mulheres.

Com *Uma gaiola de ouro* (Suma de Letras, 2019), Camilla Läckberg deu um novo passo na sua carreira, conseguindo um romance cuja inesquecível protagonista nos traz uma clara mensagem feminista. Em *Asas de prata* (Suma de Letras, 2020), Faye, a mesma memorável protagonista, revela mais sobre a sua história.

Uma Gaiola de ouro alcançou as listas de bestsellers de todos os países onde foi publicado e transformou-se num enorme sucesso de vendas que cativou os seguidores de Camilla Läckberg, abrindo também a sua obra a novos leitores.

Mulheres que não perdoam é o novo thriller da autora. Uma história poderosa que coloca as mulheres e as suas lutas, mais uma vez, no centro da acção.



Título original: *Kvinnor utan nad*

Edição em digital: setembro de 2021

© Camilla Läckberg, 2018

Publicado originalmente por Einaudi, Itália, 2018

Publicado por acordo com Nordin Agency AB, Suécia

© desta edição:

2021, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Tradução: Elin Baginha

Revisão: Isabel Andrade

Capa: André Cardoso

ISBN: 978-989-784-404-1

Composição digital: Newcomlab S.L.L.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

Mulheres que nao perdoam

Primeira parte

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Birgitta Nilsson

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Birgitta Nilsson

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Birgitta Nilsson

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Birgitta Nilsson

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Segunda parte. Três semanas depois

Ingrid Steen

Birgitta Nilsson

Viktoria Brunberg

Birgitta Nilsson

Viktoria Brunberg

Birgitta Nilsson

Viktoria Brunberg

Birgitta Nilsson

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Birgitta Nilsson

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Viktoria Brunberg

Ingrid Steen

Terceira parte

Ingrid Steen

Birgitta Nilsson

Ingrid Steen

Birgitta Nilsson

Ingrid Steen

Birgitta Nilsson

Ingrid Steen

Epílogo. Um ano depois

Sobre o livro

Sobre Camilla Läckberg

Créditos